

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia**

Alexsandra Amorim Dacoregio

Os Modos de Vida em Kierkegaard

**FLORIANÓPOLIS
2007**

Alexsandra Amorim Dacoregio

Os Modos de Vida em Kierkegaard

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de grau de mestre em Filosofia, sob orientação de João P. B. Lupi.

Florianópolis
2007

Para Kika (Kristiane Amorim Dacoregio),
in memoriam.

Agradeço aos meus amados filhos Gabriel Filipe e Bianca, que além de serem a força e motivação de tudo o que realizo, contribuíram com compreensão e alegria nos momentos difíceis e pesados.

Aos meus pais Moacir e Mara, que além do incentivo e apoio, tornaram possível a realização deste trabalho.

Ao meu querido amigo Nívio Modesto, que não permitiu que eu desanimasse em momento algum.

À Michelle C. Olsen, que não só fez a revisão final deste trabalho, como também teve grande paciência e dedicação muito além do que fazia parte de sua função.

E ao meu orientador Lupi, que fez muito mais do que me orientar, sendo presença amiga nas horas difíceis e tendo tolerância com minhas “crises existenciais”. O fato de ser tão humano e solidário, permitiu levar este trabalho adiante.

*Sands are flowing and the lines
Are in your hand
In your eyes I see the hunger, and the
Desperate cry that tears the night
(Dickinson/Gers)*

RESUMO

A questão dos modos de vida em Kierkegaard, é fundamental em sua teoria na medida em que constitui a base para todas as considerações dos aspectos existenciais do homem.

No presente trabalho, tratamos da relação entre os modos de vida, a saber, estético, ético e religioso e para tanto, explicitamos o conceito de desespero para o autor, relacionamos os sentimentos de paixão e amor aos modos de vida, discutimos a liberdade e a solidão presentes no modo de vida religioso e por fim, relacionamos os modos de vida investigando a forma com que se passa de um para o outro e quando podem ser sobrepostos.

Finalmente, fazemos considerações sobre os modos de vida discutindo a importância de cada um e a felicidade que se pode encontrar vivendo neles.

SUMÁRIO

Introdução / 08

I. Abordagem Geral da Obra e Temática / 12

1. Diversos enfoques e fontes / 12
2. A Oposição a Hegel / 19
3. A Singularidade da Existência / 21
4. O Desespero / 24

II. Os Modos de Vida / 30

Um Parêntese sobre a vida de Kierkegaard / 30

1. Modo de Vida Estético / 31
 - 1.1. O Amor Romântico: Encanto e Paixão / 39
 - 1.2. Ironia / 42
2. Modo de Vida Ético / 44
 - 2.1. A Paixão / 48
 - 2.2. Amor e Paixão / 50
 - 2.3. Matrimônio e Amor / 53
 - 2.3.1. Os Motivos do Matrimônio / 55
 - 2.3.2. Casamento e Convivência / 57
 - 2.3.3. Casamento, Tempo e Eternidade / 59
 - 2.3.4. Entre o Dever e a Intimidade / 61
 - 2.4. Humor / 64
3. Modo de Vida Religioso / 65
 - 3.1. A Liberdade / 69
 - 3.2. A Solidão / 71
 - 3.3. O Amor nos Estágios Ético, Estético e Religioso / 74

III. A Relação entre os Modos de Vida / 77

1. Sobreposição dos Modos de Vida / 79
2. Liberdade e Escolha / 83

Conclusão / 86

Bibliografia / 92

Introdução

Kierkegaard é um filósofo caracteristicamente repetitivo e ambíguo e definir com exatidão o que ele pretende dizer é um tanto trabalhoso. Deste modo, a presente dissertação terá a dificuldade de ser precisa, não comprometendo entretanto o estudo proposto, já que o próprio autor não considera ser a lógica um instrumento indispensável para suas análises, visto que a própria vida é em si mesma contraditória.

Outra característica do autor é deixar em aberto suas idéias, deixando perguntas, provocando, refutando, interrogando. Seu pensamento caracteriza-se por uma “linguagem paradoxal, pois só o paradoxo nos faz sair do meramente humano; no silêncio capaz de compreender o incompreensível; na expressão por alegorias e comparações; na união mística como objetivo e superação do estético; na concepção da filosofia como caminho para a humanidade plenamente vivida.”¹

Também devemos lembrar que são muitos os Kierkegaard's, já que, vestido de pseudônimos, o autor defende idéias muitas vezes distintas, por colocar-se na posição de diferentes personagens. Deste modo, seu pensamento varia de acordo com o personagem que encarna naquele momento, defendendo ao longo de seus livros, idéias até mesmo opostas, mas que demonstram de forma muito rica cada posicionamento. Para entendê-lo “precisamos recolher traços dispersos em diversas obras suas para poder compor um conjunto coerente de idéias, pois certamente o que a Kierkegaard não falta é constância de opiniões e coerência entre suas afirmações.”²

Seus personagens possuem pontos de vista e atitudes próprias e ele estabelece uma dialética entre eles. Por exemplo, o pseudônimo Johannes Climacus discute a dúvida e a fé; Vigilius Haufniensis, o pecado e a ansiedade; Johannes de Silentio e Constantin Constantius a ética; e Anti-Climacus é o cristão ideal.

Utilizando personagens e idéias distintas, ele faz o exercício de discussão de vários pontos de vista, além de estimular um “exercício do pensamento”, um pensar por si mesmo do leitor e mais, oferece variados posicionamentos para que se possa identificar o que seria a “verdade para si”. Não que se possa entender e aceitar aquilo que se escolha de sua obra ou que o autor não defenda um ponto de vista propriamente seu, mas enquanto existencialista conduzido pela máxima de que a “verdade é para

¹ LUPI. **Kierkegaard frente ao neoplatonismo**, p.01.

² LUPI. **Kierkegaard no seu tempo-anotações e esquema**, p.01.

mim”, o filósofo possui a capacidade de reconhecer múltiplos posicionamentos e formas de se viver, ao mesmo tempo em que apresenta uma defesa detalhada de cada um.

Na filosofia e no existencialismo, corrente esta que discute as questões existenciais do homem, a contribuição do autor é fundamental pela profunda análise dos conflitos humanos; mas podemos destacar sua importância também em filosofia da religião, estética e ética, já que em sua obra ele identifica a existência desses três modos de vida, a saber, estético, ético e religioso e com relação a estes realiza grande estudo. Kierkegaard uniu ética, antropologia e ontologia.

Sendo a presente dissertação sobre os modos de vida, será feita uma exposição de cada um individualmente e será investigado como se dá a relação entre eles, observando primeiramente se são escolhas de vida que se excluem ou se podem ser objeto de síntese e se o indivíduo pode entrar em contato com os três ao mesmo tempo; em seguida, será analisado como se dá a passagem de um modo de vida para outro e se é necessário, segundo o autor, que se passe por todos eles para atingir uma existência plena; por fim, veremos como identificar em que modo de vida se está e se realmente o modo religioso seria dentre eles o mais perfeito.

Também para complemento do estudo, será usado o sentimento do amor como exemplo do que aqui tratamos, seguindo de certa forma o que o próprio Kierkegaard faz em *O Matrimônio*, onde apresenta uma explicação do que consiste cada modo de vida, através de seu estudo do matrimônio e as variadas formas de amor existentes nas relações humanas. Mas o faremos no sentido inverso, explicando a forma de viver em cada modo de vida e complementando com a forma de amar no mesmo.

Faz-se necessário explicar o motivo de usar o termo “modos” de vida, e não estágios, por exemplo. Usaremos a expressão modos de vida para não dar a idéia de sucessão, que já definiria antecipadamente que são escolhas que não podem sobrepor-se ou que são etapas vencidas em seqüência. Assim, começamos com uma determinação de que existem formas e “consciências” diferentes de acordo com o modo de vida em que se vive, sem tratá-las antecipadamente como etapas sucessivas, problema que tentaremos resolver.

O autor possui a convicção de que a vida perfeita é aquela vivida com intensidade e plenitude. Uma vida superficial não merece ser vivida, sendo uma ilusão e portanto uma mentira. Para ele, qualquer modo de vida que não seja o religioso, é uma farsa em que o indivíduo engana aos outros e a si mesmo e os modos de vida ético e

estético são uma preparação para o modo de vida perfeito, o religioso. Mas ele propõe uma nova religiosidade, bem como uma nova racionalidade, diferentes de como as entendemos. E a única forma de viver bem a vida é para ele o cristianismo, o que não significa que ele defenda a Igreja, ao contrário, contrapõe-se a esta, pois mesmo a Luterana, bastante rigorosa, ele considera com pouco rigor. É preciso mais do que viver só pela fé e cada indivíduo deve ser a norma para si mesmo, como vemos na seguinte passagem:

Estará porventura nisto a prova terminante de que a um verdadeiro apaixonado jamais passará pela cabeça a idéia de em três pontos provar o seu amor ou defendê-lo?! Porque alguma coisa vale mais que todos esses pontos juntos e que qualquer defesa: ele ama. E quem prova e pleiteia, não ama, limita-se a fingi-lo, e, infelizmente – ou tanto melhor – tão tolamente o fez que apenas revela a sua falta de amor.

Pois é exatamente assim que se fala do cristianismo – que falam os pastores crentes “defendendo-o”, ou transpondo-o em “razões”, se não é que o estragam a querer pô-lo especulativamente em “conceito”. Isso é o que se chama pregar, e a cristandade está tão longe de ser aquilo que se diz, e a maior parte dos cristãos carece a tal ponto de espiritualidade que não se pode sequer, no sentido estritamente cristão, considerar a sua vida como pecado.³

Kierkegaard defende a idéia de que falta consciência aos cristãos, como diz Valls: “o grande problema não era o de saber se o Cristianismo era verdadeiro, e sim se, digamos, era autêntico o nosso Cristianismo, a nossa vida cristã, nosso modo de viver esta religião”.⁴

O afastamento de Deus, marca de sua época, Kierkegaard julga como responsabilidade da Igreja, como aparece no comentário de Lupi: “Ora o maior afastamento, a mais grave dessacralização do divino está precisamente entre aqueles que têm maior responsabilidade de manter o caráter transcendental do sagrado: os responsáveis pelo cristianismo, a hierarquia cristã – daí sua implacável crítica à mediocridade da Igreja Oficial dinamarquesa.” (não publicado).⁵

Kierkegaard também considera o modo de vida religioso um ideal a que poucas pessoas podem chegar, é um modo de vida perfeito e pleno. Sua postura é radical com relação a isso. O ato de fé pressupõe viver a vida plenamente.

³ KIERKEGAARD, S. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002a, p.95.

⁴ VALLS, A. **Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado**. Porto Alegre: Escritos, 2004, p.63.

⁵ LUPI. **Kierkegaard no seu tempo-annotações e esquema**, p.01.

Como já dissemos, não há “um” Kierkegaard, mas muitos, e o autor escreve em contexto variado, usando pseudônimos que mudam sua atitude. No entanto, essa multiplicidade e mudança servem apenas para ressaltar a continuidade e a unidade de sua atitude fundamental: a religiosa. Quase todos os pseudônimos que usa, possuem também a função de distanciar o autor de sua obra. Kierkegaard pode desta forma, tratar de si mesmo, mas ter maior credibilidade através deste distanciamento. Podemos dizer que toda a sua filosofia baseia-se em suas vivências, que os assuntos que o filósofo decide discutir e a forma como conduz as idéias apresentadas, demonstram um interesse e vivência pessoal. Ele vive os conflitos em sua vida e pensa-os transformando em teoria filosófica que diga-se, é genial.

I. ABORDAGEM GERAL E TEMÁTICA

1. DIVERSOS ENFOQUES E FONTES

Faremos a seguir um breve comentário acerca da bibliografia utilizada neste estudo, pois uma análise mais detalhada seria algo muito extenso. Começamos por *O Matrimônio*, que foi escolhido como leitura principal por ser o livro mais conhecido do autor na bibliografia brasileira e principalmente porque nele encontram-se os três modos de vida bem explicados e de certa forma relacionados a partir da sua interferência no matrimônio.

Neste livro o autor faz uma análise das formas de relacionamento amoroso, identificando quando estas podem conduzir ao matrimônio ou não. E nesta análise, ele destaca características de cada modo de vida e possibilidades ligadas a estas. Sua postura é a de quem vive um casamento religioso e critica um esteta, construindo sua argumentação a partir de uma polêmica entre o leitor e ele, onde muitas vezes usa de ironia para apresentar seus pensamentos, parecendo até mesmo defender algo diferente daquilo que pensa. Este é também um livro que reúne os três modos de vida e através da “aplicação” destes no relacionamento, apresenta uma boa explicação de cada um. Nele, podemos usar o exemplo da relação amorosa para perceber como cada modo de vida interfere em nossas escolhas e como estas interferem em cada um deles. O filósofo discute neste livro o relacionamento amoroso, destacando a importância do matrimônio e tratando de detalhes da vida em casal como o conhecimento que um deve possuir do outro, a questão dos filhos, a fidelidade, a cumplicidade. Poderíamos dizer que o referido livro constitui um estudo minucioso das relações humanas no âmbito do casamento.

Entre os livros secundários, *Temor e Tremor* é o mais importante, pois que nele encontramos quase a idéia principal de Kierkegaard. De modo geral, é sua obra principal, onde vemos uma análise do modo de vida religioso a partir da vida de Abraão. O autor faz neste livro, profunda análise de um homem religioso, capaz de sacrificar o filho em nome da fé, que exemplifica o “salto da fé” presente na teoria de Kierkegaard. E deste modo, define características que são próprias do modo de vida religioso bem como suas implicações. Aqui o pseudônimo usado é Johannes de Silentio. Neste livro não só é apresentada em detalhes a profundidade do modo de vida religioso,

como também a suspensão da moralidade à que este leva. Deste modo também temos um confronto entre religião e ética, mostrando os conflitos entre um modo de vida e outro e a saída da racionalidade quando se opta pelo modo religioso. A fé é incompreensível, pois faz parte do infinito e portanto, não pode ser elucidada pelo conceito. Em *Temor e Tremor*, Kierkegaard faz uma análise do conflito de Abraão, relatando seu conflito interno diante do pedido divino para que sacrifique seu filho. Entre as muitas opções que Abraão teria para responder ao pedido, ele escolhe aceitar com resignação ainda que esta escolha implique em grande sofrimento. Abraão vive seu conflito em silêncio, numa dimensão de solidão absoluta onde apenas Deus participa dela.

O *Diário de um Sedutor*, também leitura secundária importante, é o livro do autor que melhor descreve o modo de vida estético⁶. Nele, como Johannes, o Sedutor, o autor narra a trajetória de um conquistador, um homem vivendo no modo de vida estético. Kierkegaard faz a partir de sua narração, uma reflexão sobre as características, conflitos, objetivos presentes neste modo de vida, bem como apresenta excelente análise psicológica do “sedutor” e suas questões existenciais. Colocando-se no lugar de alguém que faz uma apologia ao modo de vida estético, faz uma análise deste, fingindo defender tal modo de vida.

Outro livro presente em nosso estudo é *O Desespero Humano* que é, na teoria do autor bem como na filosofia, muito importante como análise existencial do homem. Nele, Kierkegaard fala da angústia e do desespero como características principais da consciência humana, tratando também do remédio para tal doença e identificando tipos de desespero de acordo com o nível de consciência de cada indivíduo. Seu estudo é importante na medida em que fundamenta a necessidade de interiorização que só é possível no modo de vida religioso e para o autor, único remédio para o desespero⁷. O pseudônimo utilizado é Johannes Anticlimacus (Anticlimacus é o cristão perfeito e Climacus o de menor valor). O autor também trata dos aspectos espirituais da angústia. É um trabalho de psicologia, onde ele considera a ansiedade relacionada ao que é ético e a angústia ao que é religioso.

⁶ Devemos ressaltar que a tradução aqui usada não é a melhor, começando mesmo pelo título, que, segundo Álvaro Valls, deveria ser “*Diário do Sedutor*” já que pretende apresentar um método, mesmo mostrando o relato de um sedutor (VALLS, A. 2004, p.15).

⁷ Novamente a tradução deste livro não é a ideal, que segundo Valls deveria ter como título “*Doença para a Morte*” (Idem, p.11).

Em *O Banquete*, obra sobre o amor, Kierkegaard identifica a diferença entre matrimônio e casamento onde o primeiro corresponde ao sacramento e o segundo, à união de bens. Segundo ele a fidelidade é garantida pela fé religiosa e portanto dá-se no matrimônio. Sob o pseudônimo de William Afham através do editor Hilarius Bogbinder, o autor apresenta diversas idéias sobre o amor, fazendo uma espécie de contrapartida ao *Banquete* de Platão, onde apresenta sarcasmo e desdém pelas mulheres em geral.

Em um banquete entre Johannes, Vítor Eremita, Constantino Constantius e “outros dois”, Kierkegaard começa com uma definição de recordação e memória, diferenciando-as. E segundo ele, a recordação relaciona-se com o sentimento onde se inclui o remorso que é a recordação de culpa. Lembrar de algo não é o mesmo que recordar e também lembrança e recordação não precisam uma da outra para se realizarem. Não existe recordação comum, apenas uma “pseudocomunidade”. Aqui, percebemos a característica de solidão presente no modo de vida religioso.

Nesta obra são apresentadas idéias diferentes sobre o amor, cada personagem fazendo a defesa de seu ponto de vista. Opõe-se posições, entre as quais se vê a relação entre homem e mulher como a de opostos que não se compreendem mas convivem, a do sedutor que defende o relacionamento com várias mulheres e outras. Johannes, o sedutor, sente-se feliz em sua condição, já que para ele a mulher é tudo o que pode fazer um homem feliz e ele, enquanto erótico, é um privilegiado.

Kierkegaard mostra que como um sedutor, o homem vê a mulher como passatempo e a idolatra dando a ela o valor de um objeto. Porém, ele não faz da mulher um ser inferior ao homem e ao contrário, defende sua superioridade. Através do personagem do intelectual que nunca amou, considera que o amor só pode ser por uma pessoa na vida, já que só acaba quando se morre. E apresenta a questão da idealidade desejada e nunca encontrada no amor. Deste modo, o amor é apresentado pelo autor neste livro como contraditório, inexplicável (porque não se pode dar razões do porquê se ama), ridículo no momento da paixão, entre outras características. Ele também diferencia a personalidade da mulher da do homem e ao mesmo tempo identifica uma complementação no convívio entre eles.

Em *Johannes Climacus ou É preciso Duvidar de Tudo*, Kierkegaard faz a exposição do ponto de vista de um homem racional, pensador. Climacus, o personagem central do livro, é um jovem solitário, fechado, apaixonado pela filosofia. O nome é:

“sob sua forma latinizada, o nome dado a um monge grego do Sina, que, por volta do ano 600, escolheu a vida de eremita.”⁸ Suas inquietações filosóficas são apresentadas sob o pseudônimo oposto de Anti-Climacus, que é o homem de fé. Climacus é um homem solitário porque vive em estado de observação e não convive com os outros. Ele observa de fora e possui uma vida interior muito complexa e refletida. Kierkegaard, vestido deste pseudônimo, expõe sua diferença com relação aos outros indivíduos, seu isolamento: “[...] sofri a dor de não ser como os outros.”⁹

A paixão pela filosofia é sempre presente em todo o livro: “Seu prazer consistia em começar por um pensamento particular, a partir dele seguir o caminho da conseqüência, escalando degrau por degrau até um pensamento mais alto.”¹⁰ E ele importava-se com o pensar em si e não com resultado do mesmo. Como homem solitário, afastou-se dos demais por escolha e inclinação de sua natureza. Era só e queria ser só: “Não era a covardia nem a indolência que o impediam, mas um doloroso sentimento, que o tinha acompanhado desde a mais tenra infância, o de não ser igual aos outros. Esta diferença, longe de agradá-lo, oprimia-o e, sem dúvida, teria de sofrê-la por toda a vida.”¹¹

Este escrito do autor, constitui excelente exercício filosófico, diferenciando, por exemplo, espanto e dúvida como início da filosofia. Kierkegaard critica a postura dos gregos de que o espanto é o início da filosofia, pois é a dúvida que possui reflexão.

É preciso Duvidar de Tudo faz parte da bibliografia estudada, mas não trata de nenhum modo de vida exatamente. Climacus assemelha-se em sua solidão com um indivíduo em modo de vida religioso, mas parece não possuir religiosidade, ao menos neste livro. É um intelectual, um pensador, um filósofo. Podemos usar seu exemplo para identificar um tipo de solidão que não faz parte do modo de vida religioso, um isolamento intelectual.

Passamos agora ao estudo da bibliografia do comentador mais importante para este estudo, Álvaro Valls. Alguns livros deste autor serão utilizados no presente trabalho como importante suporte ao entendimento de Kierkegaard. Valls possui várias publicações sobre Kierkegaard e na medida do possível faremos um estudo sobre algumas delas, a fim de compreender melhor o filósofo e incluir estudos a que não temos acesso, mas já realizados pelo autor.

⁸ KIERKEGAARD, S. *É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.16.

⁹ Idem, p.24.

¹⁰ Ibidem, p.07.

¹¹ Ibidem, p.30.

Começamos pelo livro *Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado* onde é apresentada uma seleção de textos de Kierkegaard precedida de um comentário de Valls.

O texto *As Obras do Amor*, que é o capítulo de uma obra mais extensa que analisa o amor, isto é, *Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado*, trata do amor cristão, altruísta, diferente do amor sensual, tal como vemos na seguinte passagem:

O amor de Cristo era ilimitado, assim como o amor tem de ser se é isto o que se deve cumprir: ao amar, amar a pessoa que a gente vê. É muito fácil de entender. Pois por mais que, e como quer que uma pessoa se modifique, por certo ela não se modifica de tal maneira que chegue a tornar-se invisível. E se isso – for impossível – não é o caso, então nós continuamos a vê-la, e o dever consiste em amar aquela pessoa que nós vemos. [...] De acordo com a compreensão cristã, [...] amar consiste justamente em amar a pessoa que a gente vê. A ênfase não é posta no amar as perfeições que a gente vê numa pessoa, mas a ênfase está na pessoa que a gente vê, quer agora se vejam nesta pessoa as perfeições, quer as imperfeições, sim, por mais tristemente que esta pessoa se tenha modificado, dado que afinal de contas ela não cessou de ser a mesma pessoa. Aquele que ama as perfeições que vê numa pessoa, não ama a pessoa, ele cessa por isso de amar quando cessam as perfeições, quando ocorre a mudança, mudança esta que, por mais triste que seja, não significa, contudo que esta pessoa cessou de existir.¹²

Primeiramente Kierkegaard afirma que a melhor maneira de conhecer a forma como alguém ama é observar como se comporta com seus mortos. Isto porque quando se ama uma pessoa viva, estabelece-se uma relação bilateral com esta onde se dá, mas também se recebe amor. Também se torna uma relação composta, onde o modo com que um trata o outro influencia o que o outro por ele sente. Na relação com um falecido há apenas uma pessoa e portanto o amor por alguém morto que é o mesmo que ninguém, efetivamente, é um amor desinteressado pois nada receberá de volta. Cito Valls: “A obra do amor que consiste em recordar uma pessoa falecida é uma obra do amor mais desinteressado. Se quisermos garantir que o amor é completamente desinteressado, podemos então afastar toda possibilidade de retribuição. [...] Se então o amor permanece, é que ele é verdadeiramente desprendido.”¹³

Este amor é comparável ao de um pai ou mãe por seu filho, que amam mesmo antes deste nascer ou mesmo ter consciência de si. Mas é um amor que espera por retribuição já que sabe que um dia o ente amado poderá retribuir, ao contrário de um

¹² VALLS, A. **Entre Sócrates e Cristo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p.134.

¹³ VALLS, A. 2004, p.70.

morto. A criança grita por amor, cobra o amor, o morto não e por ser um amor sem coação, é livre. O amor deve, pois, ser sempre livre, sem a menor coação. E é também por ser livre que podemos identificar se é realmente fiel, já que é fácil manter-se fiel a quem nos cobra. A fidelidade resultante da liberdade é a verdadeira fidelidade e o resto é coação. A fidelidade entre duas pessoas que trocam amor consiste em um apoiar o outro, o que não seria uma fidelidade genuína.

O amor por um falecido possui a garantia de o outro não se modificar e portanto, a mudança é responsabilidade do vivo. Deste modo, Kierkegaard defende que se deve amar os vivos da mesma maneira, ou seja: “A obra do amor que consiste em recordar um falecido é, pois, uma obra do amor mais desinteressado, mais livre e mais fiel. Vai então e exerce-a; recorda o falecido e aprende justamente assim a amar as pessoas vivas de modo desinteressado, livre, fiel.”¹⁴ O amor cristão deve ser o amor a todos, tanto aos que vemos, quanto aos que não vemos.

O amor deve superar as diferenças e ser auto-abnegado, o que consiste em se anular e desapegar de seu próprio eu. Também amar não é agradar o outro, sendo com este algo que não se é realmente. Aqui se faz uma discordância entre modo de vida ético e religioso, na medida em que a pessoa que agrada socialmente não pode assumir seu eu autêntico, condição fundamental para uma realização no plano religioso. Cito Valls:

Uma tal pessoa, que a gente chama de um homem amável, é um homem que cuida antes de mais nada de não levar demasiado a sério a exigência que a eternidade ou Deus lhe faz de uma existência essencial ou essencialmente esforçada. [...] Pois quando a exigência da eternidade é afirmada corretamente, parece como se uma tal pessoa odiasse tudo aquilo em função de que a maioria vive.¹⁵

E o amor consiste em transmitir verdade e não em concordar para ser amável. Estar de acordo com as regras estabelecidas não é amar, mas fazer-se amar por mentiras, conquistar por algo que não se é e por isto, uma conquista de mentira e que não se mantém.

O amor cristão não é natural nem imediato, é um comprometimento, um dever de amar. É um amor ao próximo não ligado à beleza como o amor platônico. É um amor universal que exclui qualquer predileção. O amor cristão nos exige amar ao próximo como a si mesmo, amando os desgraçados, maltratados. O amor mais perfeito é, então, o amor que nada pede em troca, nas palavras de Valls:

¹⁴ Idem, p.82.

¹⁵ Ibidem, p.97.

Se queres então te tornar perfeito no amor, esforça-te por cumprir perfeitamente este dever de, ao amar, amar a pessoa que a gente vê, assim como tu a vês, com todas as suas imperfeições e fraquezas, amá-la tal como a vês quando ela se modificou completamente, quando não mais te ama, porém talvez indiferente te vira as costas ou se volta para o outro lado para amar um outro, amá-la, como tu a vês quando ela te trai e te renega.¹⁶

O amor por preferência não é amor ao outro, mas a si mesmo, é querer agradar a si mesmo através do outro. O amor ao próximo, desinteressado, desligado de qualidades que o outro tenha e mesmo de sua retribuição, é um amor que permanece, não acabando se o próximo se modifica. Deste modo, o amor cristão consiste em amar a todos sem distinção, inclusive os “não-amáveis”. Cito Valls:

Enquanto amas o amado não te assemelhas a Deus, pois para Deus não há nenhuma predileção, coisa que em tua meditação muitas vezes te humilhou, mas também muitas vezes te reanimou. Enquanto amas teu amigo não te assemelhas a Deus, pois para Deus não há diferenças. Mas quando amas ao próximo, aí tu és como Deus.¹⁷

O amor ao próximo, do ponto de vista psicológico, não deixa de ser loucura. O que nos remete à questão sempre aqui recorrente da loucura presente no modo de vida religioso, onde nada pode ser explicado racionalmente.

Entre Sócrates e Cristo, coletânea de textos de Álvaro Valls sobre Kierkegaard, representa importante estudo do comentador, fundamental para um entendimento mais completo e seguro da obra do filósofo. Além do que, nos dá a conhecer outros textos de Kierkegaard a que o comentador teve acesso e que não poderíamos estudar sem o conhecimento de dinamarquês e que como o próprio comentador afirma, faz dele “ave rara” brasileira. Neste livro, Valls apresenta a discussão de vários conceitos de Kierkegaard, entre eles ironia, amor sensual, amor cristão, religião e outros.

¹⁶ VALLS, A. 2000, p.128.

¹⁷ Idem, p.153.

2. A OPOSIÇÃO A HEGEL

Faremos neste capítulo, uma breve explicação das críticas de Kierkegaard ao sistema hegeliano, com o objetivo de não excluir algo importante da sua teoria. Porém, não nos aprofundaremos nas questões aqui expostas, uma vez que nosso estudo não vai nesta direção.

O entendimento das diferenças entre Hegel e Kierkegaard, é importante na medida em que esclarece a proposta do autor, da religião como algo vivido individualmente. Também podemos entender através da crítica ao sistema lógico de Hegel, o porquê de ser “existencialmente” aceitável a contradição e como a lógica não pode servir no âmbito existencial.

Antes porém é bom lembrar, ainda que brevemente, o quanto Kierkegaard dependeu de Hegel nos seus primeiros tempos de teólogo. Lemos em sua obra passagens como: “Hegel é um fundamento sólido a partir do qual eu posso tranquilamente aventurar-me [...]”; e, sobre outro tema, afirma: “ninguém consegue dizer tão bem quanto o próprio Hegel”; ou ainda, sobre uma questão da defesa de Sócrates: “quero iniciar com Hegel e em Hegel quero terminar”; e, mais enfaticamente, sobre a compreensão do passado histórico: “jamais se poderá reconhecer suficientemente os grandes méritos de Hegel”¹⁸. Contudo, após essa “confissão” de discípulo dos tempos de doutorado, Kierkegaard começa a aprofundar seus pontos de vista sobre religião e fé, e percebe o quanto eles se afastavam dos do Mestre.

De fato, enquanto Kierkegaard se abria ao transcendente de uma forma radical, reconhecia que Hegel desenvolvera um sistema filosófico logicamente “fechado”, onde o movimento de tese/antítese/síntese se fundamenta na racionalização. A origem do movimento contido na tese e antítese teria que ser definida (se está contido ou surge como novo elemento). Se o movimento não for real, acaba se restringindo somente ao conceitual e se for real, impediria a liberdade humana. E Kierkegaard destaca a importância dos “apetites”, “paixões” e da transcendência que levam a Deus. A interioridade necessária na religiosidade para se alcançar a Deus, foi desconsiderada por Hegel, e portanto, ele formulou um “sistema lógico” apenas, já que um sistema existencial não poderia ser formulado. O filósofo dinamarquês não se contrapôs à lógica ou à razão em sua filosofia, mas afirma existir diferença entre a metafísica e a lógica,

¹⁸ O Conceito de ironia, p.132, p.158, p.169, p.240, respectivamente.

uma vez que pra ele Hegel construiu seu racionalismo sem um estudo que fosse suficiente do ser, e portanto, se afastou muito da compreensão deste.

Kierkegaard posiciona-se contra a racionalização de Hegel no que se refere à religião, para ele, não é válida a concepção de que a razão apóia a religião revelada. Além disso Hegel ignorou a relação subjetiva e direta com Deus, que Kierkegaard vai propor, além da autonomia da relação humana com Deus.

Segundo Collins¹⁹, podemos resumir em três pontos o que Kierkegaard defende, e em mais três o que ele critica em Hegel:

O primeiro ponto defendido por Kierkegaard é que Deus não pode predestinar o homem de tal forma que o prive de sua liberdade; o segundo, que o ato de fé é em si mesmo livre; e o terceiro, que o Deus dos cristãos é pessoal, transcendente e encontrado mais por um esforço pessoal do que por religião. Kierkegaard defende uma vivência de fé pessoal, algo subjetivo e individual inserido em uma profunda interioridade, conduzido pelo auto-conhecimento e introspecção dentro do âmbito existencial e não um exercício racional ou simples participação de uma comunidade religiosa.

Os três pontos que Kierkegaard define como problemas na teoria de Hegel seriam, primeiramente, que Hegel não percebeu que o ato da existência não pode ser subsumido dentro de um sistema de pensamento finito, ainda que seus métodos e princípios sejam bastante amplos; depois, que, no campo metafísico, ele não pode tratar de idéias básicas do ser e do devir, pois não pode identificar a existência não conceitual dos mesmos; e por fim, que a teoria hegeliana sobre a história do mundo é contrária à vida ética do homem como indivíduo responsável. E ainda citamos os conceitos que para Kierkegaard são explicados de forma inadequada por Hegel: realidade, contingência, fé, princípio negativo, movimento, imanência e mal.

O problema de Hegel está fundamentalmente na diferença entre realidade e conceito de realidade. O seu sistema é muito bom teoricamente, mas concretamente, na realidade, possui vários problemas. Sua teoria é radicalmente fechada, onde tudo segue um mesmo padrão lógico de tese/antítese/síntese, não considerado apropriado por Kierkegaard por descartar a escolha humana, a “eleição livre entre o bem e o mal” (p. 129).

¹⁹ COLLINS, J. **El Pensamiento de Kierkegaard**. Mexico: Brevarios, 1958, p.134.

3. A SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA

Existencialmente falando, cada indivíduo é único, singular e como tal, possui um projeto de vida somente seu que o faz “sozinho” no mundo. Tal questão é fundamental na consideração de qualquer aspecto da teoria de Kierkegaard. Pode-se tomar como ponto de partida no estudo de Kierkegaard a sua contribuição para a idéia original do existencialismo²⁰ – não existe qualquer predeterminação com respeito ao homem, e esta indeterminação e liberdade levam-no a uma permanente angústia.

O pensamento fundamental de Kierkegaard, e que veio a se constituir em linha mestra do Existencialismo, é que não existe um projeto básico, para o homem verdadeiro, uma essência definidora do homem, porque cada um define a si mesmo e assim é uma verdade para si. Daí o dito de Sartre tão conhecido que sintetiza o pensamento existencialista: "no homem, a existência precede a essência". A partir da existência, o homem constrói, ele mesmo, sua essência, direcionando sua vida.

Daqui seguem as situações existenciais, a singularidade, a angústia, a fé e o desespero. Para ele, o homem real é o “singular”, o indivíduo e não o “homem” como gênero. O homem vive em conjunto, sendo elemento de uma estrutura (cidadão), mas

²⁰ O termo existencialismo começou a ser utilizado por Sartre e posteriormente foi usado para definir Kierkegaard, ou seja, Kierkegaard foi um filósofo existencialista mas que somente foi chamado de tal forma depois de Sartre, que introduziu o termo.

Na época de Sartre, os existencialistas eram chamados de pessimistas, criando-se não somente um preconceito como também um modismo que definia tudo o que é pessimista de existencialista, desvirtuando o termo. Cito Sartre: “A maior parte das pessoas que utilizam este termo ficaria bem embaraçada se o quisesse justificar: tendo-se tornado hoje uma moda, é fácil declarar-se de um músico ou de um pintor que é existencialista.” (SARTRE, J. O Existencialismo é um Humanismo. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p.4).

Sartre não só definiu o termo, como separou os “tipos” de existencialistas: “No entanto, pode definir-se facilmente. O que torna o caso complicado é que há duas espécies de existencialistas: de um lado há os que são cristãos, e entre eles incluirei Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e de outro lado, os existencialistas ateus, entre os quais há que incluir Heidegger, os existencialistas franceses e a mim próprio.” (idem, p.5).

O princípio existencialista também foi definido por ele: “a existência precede a essência, ou, se se quiser, que temos de partir da subjetividade” (idem, p.5) e mais adiante, “Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define” e ainda na página 6, “Há dois sentidos para a palavra subjetivismo, e é com isso que jogam nossos adversários. Subjetivismo quer dizer, por um lado, escolha do sujeito individual por si próprio; e por outro, impossibilidade para o homem de superar a subjetividade humana. É o segundo sentido que é o sentido profundo do existencialismo. Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens.” Deste modo, a subjetividade não implica egoísmo, ao contrário, ela afeta a todos.

Diferente de Kierkegaard, Sartre afirma que aqueles que dizem não possuir angústia o fazem porque disfarçam e não porque não a percebem. Mas não trataremos desta questão além de citar, uma vez que não faz parte do estudo aqui proposto.

cada um pode e deve tornar-se singular, entendendo o devir de sua própria existência. Quando isso acontece, passa-se a existir fora da ordem social estabelecida.

Segundo Kierkegaard, o singular está destinado à liberdade e à escolha e como singular, o homem pode escolher relacionar-se com Deus através da fé ou não. E para o autor, só pela fé a consciência humana pode alcançar o que está além da experiência imediata e tentar compreender o sentido da vida. Mas a fé não extingue a imprevisibilidade da existência humana, ela é risco. Escolhe-se e decide-se acreditar e correr este risco. A fé salva do desespero da dúvida e do ceticismo e por isso, a escolha fundamental do homem está entre o desespero e a fé. E a salvação, que é escolher a fé, é um risco. A fé é remédio para o desespero, mas é risco que deixa aberta a liberdade e a imprevisibilidade. Sobre esta questão da fé, faremos adiante uma explicação mais aprofundada.

O devir da existência humana é contingência, liberdade, escolha, “salto”, possibilidade, existência livre de ser controlada e guiada pela essência. Todos os acontecimentos vêm do nada e, portanto, todo acontecimento futuro é possibilidade. A existência é escolha e por isso angústia e desespero. Não existe lei que regule os acontecimentos futuros fazendo um realizar-se mais que outro. O acontecimento sai do nada e é possibilidade pura. O possível é imprevisível, coincidindo com o nada.

A angústia, para Kierkegaard, é o sentimento dessa possibilidade, do nada que está na raiz da possibilidade. E, por isso, a angústia está essencialmente no homem, na sua existência. A angústia refere-se ao futuro. O homem sente-se angustiado, porque não existe uma previsão de seu futuro e não tendo conhecimento do que lhe irá acontecer, sente o peso das escolhas sobre si. Suas escolhas determinarão os acontecimentos em sua vida. Como diz Kierkegaard:

Desesperar não seria mais do que uma característica humana, inerente à nossa natureza, ou seja, que o desespero não existiria, sendo apenas um acidente para o homem, um sofrimento como uma doença em que se soçobrasse, ou, como a morte, nosso destino comum.²¹

E o nada seduz enquanto abertura de possibilidades sendo, ao mesmo tempo, fonte de medo. Neste momento, acontece a escolha decisiva entre o desespero pela finitude da existência humana e a incerteza da dúvida ou a fé em Deus criador, onipotente, salvador.

²¹ KIERKEGAARD, S. 2002a, p.21.

Quer dizer, o indivíduo sente-se atraído e ao mesmo tempo com medo do nada, da incerteza que está no seu futuro. Não saber o que ocorrerá em seu futuro é surpreendente e misterioso, mas também assustador. E ele pode escolher transferir esta incerteza apoiando-se na fé em algo maior que ele e que pode tudo, inclusive salvá-lo desta angústia. Não queremos aqui dizer que o autor encare a fé como uma “muleta” na qual o ser humano se apóia para sofrer menos e se “desresponsabiliza” por sua vida. Kierkegaard apenas defende que o reconhecimento da existência de um ser superior que pode nos ajudar, acolher, dá ao homem de fé um “conforto” que jamais será encontrado por aquele que não possui fé. E deste modo, o desespero existe, mas é mais “leve” para o homem de fé, porque o encontro de um sentido religioso na vida e no sofrimento presente nela, traz a compreensão, aceitação e alívio para o ser.

O desespero, para o autor, é o não ter fé. A fé salva o homem da angústia e do desespero e leva o homem ao Eterno e ao Ser. Ela é inseparável do risco e da subjetividade do homem não podendo ser compreendida, pois não oferece certeza intelectual. E por isso, Kierkegaard afirma que a verdade é subjetividade.

A verdade não é encontrada através do raciocínio lógico, mas segundo a paixão que é colocada na afirmação e sustentação dos fatos: a verdade é subjetividade, cujo elemento é a interioridade. Não se pode, também, fazer qualquer afirmativa sobre o homem. Da mesma forma, a determinação do modo de vida religioso como superior, pode ser entendida como construída a partir da experiência pessoal do autor que escolheu o modo de vida religioso rejeitando para isto até mesmo a noiva. Como acentua Lupi: “Em Kierkegaard certamente o individualismo predomina, como foco de entendimento e ação do mundo e sobre o mundo.”²² (não publicado). A ênfase no indivíduo é sempre presente e clara em todos os aspectos de sua teoria.

Antes de tratar dos modos de vida, é necessário discutir a questão do desespero humano que norteia o pensamento de Kierkegaard e é a preocupação central para sua identificação dos três modos de vida e análise da consciência presente em cada um deles.

²² LUPI. **Kierkegaard no seu tempo-annotações e esquema**, p.01.

4. O DESESPERO

Devemos identificar os tipos de desespero que Kierkegaard apresenta. Assim como o modo de viver não é um só e em cada modo de vida existe um nível de consciência de si mesmo, o desespero pode ter níveis diferentes também quanto ao nível de consciência de cada indivíduo. A primeira definição do autor na obra sobre o desespero, é que: “O homem é espírito”²³, e como espírito, possui uma finalidade, uma razão de ser muito além da puramente física, que constitui sua vida material. O espiritual não só faz parte do homem, como é sua parte mais importante, é aquela que conduz sua existência. Portanto, o sofrimento de seu espírito o afeta muito mais do que qualquer sofrimento físico, e tal sofrimento é o desespero, que possui como único remédio a fé: “Nada é doença mortal aos olhos do cristão”²⁴, porque a morte para o cristão não é o fim, já que este crê que sua vida espiritual continua após esta, “a própria morte é uma passagem para a vida”²⁵.

Deste modo, o desespero faz parte do homem mas pode ser mais suportável tanto quanto mais fé o homem tenha. E segundo Kierkegaard existem três níveis de desespero: o primeiro e maior de todos é a inconsciência de se ter um eu, o segundo é o desespero de quem não quer ser o seu eu e o terceiro é a vontade desesperada de sermos nós mesmos. Cito:

Da mesma forma como provavelmente não haja, segundo os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si mesmo.²⁶

A palavra desespero para o autor, possui sentidos variados. Entre os tipos de desespero que poderíamos identificar, estariam por exemplo, o desespero pela dúvida e ceticismo, o da escolha fundamental, o que está relacionado com a angústia, o da finitude da existência humana, o da falta de fé, o da incerteza do destino, entre outros.

²³ KIERKEGAARD, S. 2002a, p.19.

²⁴ Idem, p.16.

²⁵ Ibidem, p.23.

²⁶ Ibidem, p.27.

Segundo o autor, o desespero é sinal de nossa superioridade frente aos animais e portanto conclui-se que o primeiro tipo de desespero, denota uma proximidade entre quem se encontra neste nível e os animais, pela sua falta de consciência de si mesmo. “A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar”²⁷. E não há o que se fazer por este indivíduo, pois não possui a mínima capacidade de entender-se como espírito e remediar seu desespero.

Este é o tipo de desespero mais intenso já que o indivíduo sofre, mas sequer identifica de onde vem seu sofrimento. Vive insatisfeito e nem sabe a origem de sua insatisfação e por isso o autor considera-o como maior “doente” de todos enquanto cego diante de sua condição e incapaz de se “defender” de seu sofrimento, pois nem mesmo sabe de onde ele vem. Ele diz: “[...], o que a maior parte não vê, é que não ser desesperado, não ter consciência de o ser, é precisamente uma forma de desespero.”²⁸. E complementa ainda:

[...] a maior parte das pessoas vive sem grande consciência do seu destino espiritual... e daí toda essa falsa despreocupação, essa falsa satisfação em viver etc., etc., que é o próprio desespero. Daqueles que se dizem desesperados, todavia, regra geral, uns é porque tinham em si suficiente profundidade para tomar consciência do seu destino espiritual, outros porque dolorosos sucessos ou violentas decisões os levaram a aperceber-se dela. Exceto estes, poucos mais haverá-porque bem poucos serão aqueles que verdadeiramente não sejam desesperados.²⁹

O segundo tipo de desespero, que pode evoluir para o terceiro, pois nele já existe alguma consciência de si, é o desespero de não querer ser si mesmo. Nesta forma de desespero, o indivíduo nega a si mesmo e tenta fugir de seu eu tanto admirando o eu de outrem, como até mesmo sentindo inveja deste eu e querendo transformar-se nele. Ou seja, o sujeito percebe-se enquanto ser espiritual, possui consciência de si, mas não aceita e revolta-se com o eu que é, intencionando aniquilá-lo. Cito: “Isso porque é acumulando sem cessar, no presente, o desespero pretérito que ele desespera por não poder devorar-se nem libertar-se do seu eu, nem aniquilar-se.”³⁰. Ou ainda: “Todavia o

²⁷ Ibidem, p.21.

²⁸ Ibidem, p.28.

²⁹ Ibidem, p.30.

³⁰ Ibidem, p.24.

homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção”³¹.

Sobre a diferença entre invejar o outro e admirar, Kierkegaard afirma que:

A inveja é uma admiração que se dissimula. O admirador que sente a impossibilidade de ser feliz cedendo à sua admiração, logo começa a invejar. [...] A admiração é um abandono de nós mesmos penetrado de felicidade, já a inveja é uma reivindicação infeliz do eu.³²

Deste modo, no desespero de quem não quer ser ele mesmo pode tanto haver a forma da admiração do eu de outrem, como da inveja que constitui infelicidade pior do que a primeira.

O terceiro tipo de desespero e forma mais evoluída deste, é o que quer ser ele mesmo, a vontade desesperada de sermos nós mesmos. Porém, tal tarefa não é possível de realizar sozinho. Como nos coloca o filósofo: “O progresso, nesse caso, será o desespero. Não estar desesperado deve significar a destruição da possibilidade de estar: para que um homem não o esteja verdadeiramente, é preciso que a cada instante aniquile em si a sua possibilidade.”³³.

De um modo geral devemos dizer sobre o desespero como doença para a morte, que não é doença que mata, mas sim a doença é o não poder morrer: “Nem a morte pode salvar-nos dessa doença, pois aqui a doença, com o seu sofrimento e...a morte, é não poder morrer.”³⁴. A evolução, o progresso do ser humano se dá na medida em que o desespero também evolui e o desespero aumenta junto com o conhecimento de si mesmo. Cito:

A consciência dá a sua medida. Quanto mais consciência houver, tanto mais eu haverá. Pois que, quanto mais ela cresce, mais cresce a vontade, e haverá tanto mais eu quanto maior for a vontade. Num homem sem vontade, o eu é inexistente. Todavia, quanto maior for a vontade, maior será nele a consciência de si mesmo.³⁵

³¹ Ibidem, p.25.

³² Ibidem, p.81.

³³ Ibidem, p.21.

³⁴ Ibidem, p.26.

³⁵ Ibidem, p.33.

E ainda: “A lei do progresso do eu, nesse caso, se também é na verdade preciso que o eu se torne ele mesmo, é que o conhecimento vá ladeado com a consciência e que, quanto mais ele conheça, tanto mais o eu se conheça.”³⁶.

Para sintetizar alma e corpo é necessária uma evolução, que só é possível no contato com Deus. Existe uma dificuldade na relação entre corpo e alma, porque o primeiro é finito e delimita e a alma é infinita e ilimitada. A alma conduz ao eterno que é Deus e pede pela libertação de tudo o que a limita e vem do corpo. Portanto, é tarefa um tanto trabalhosa realizar-se como espírito estando “misturado” ao corpo que reclama a satisfação das necessidades materiais e superficiais do mundo físico. É como se houvesse uma discordância entre corpo e alma que atrapalha o progresso desta. E como diz Kierkegaard: “Ninguém pode ver-se a si mesmo num espelho, sem se conhecer antecipadamente, pois senão não é ver-se mas apenas ver alguém.”³⁷. A tarefa do espírito é elevar-se sem permitir que a “vida corporal” o atrapalhe. Não deve permitir que as vontades puramente corporais e pertencentes à vida material o impeçam em sua evolução.

Outra questão que devemos considerar é que a negação e ignorância do desespero constituem o maior distanciamento para o remédio deste. Como vemos explicitado na seguinte passagem:

Juntamente com o desesperado consciente, o desesperado que se ignora só está afastado da verdade e da salvação por mais um passo negativo. O próprio desespero é uma negação e a ignorância do desespero é outra.³⁸

Para Kierkegaard o desespero é o traço mais característico do ser humano. O homem é para ele, um ser desesperado por ver-se na angústia da incerteza de seu destino. Sem saber o que acontecerá consigo mesmo num futuro mais próximo ou distante, o homem desespera-se ficando perdido entre ser o responsável absoluto por tudo o que lhe acontece ou acreditar que haja um ser superior que além de definir certo destino para ele, pode ajudá-lo nos momentos mais difíceis.

Como para Kierkegaard Deus existe, bem como temos um lado espiritual que é o mais importante em nossa existência, por ser imperecível e portanto eterno, há que se

³⁶ Ibidem, p.35.

³⁷ Ibidem, p.39.

³⁸ Ibidem, p.45.

reconhecer tal fato, o que seria a fé e procurar ligar-se ao divino quanto o mais possível for. Este é para ele o único remédio para o desespero.

Observe-se que é impossível deixar de ser desesperado, podendo-se até mesmo dizer que “o homem é desespero” e portanto, a única saída é remediá-lo ou seja, torná-lo mais suportável e menos doloroso. A fé é o único remédio para o desespero e o homem precisa da interiorização para chegar até ela, encontrado-se consigo mesmo e com o divino. Enquanto o ser não percebe a eternidade presente em sua natureza e sua ligação com o divino, o desespero causa grande sofrimento impedindo-o de ser feliz, e ele não consegue compreender nada do que a ele acontece e nem sua finalidade enquanto ser humano. Fica perdido, entregando-se aos apelos da vida material e à superficialidade desta.

Como Kierkegaard identifica a existência de três formas de se viver, os modos de vida estético, ético e religioso onde existem níveis de consciência diferentes e o modo de vida religioso para ele é o mais perfeito, pois é o único que pode remediar o desespero que constitui a base de qualquer sofrimento humano, devemos ter em conta o papel da religião como sendo um alívio para a angústia.

No modo de vida religioso, enquanto forma de se viver que permite uma interiorização como também a “singularização”, ou seja, um afastamento do coletivo, o indivíduo pode compreender o devir de sua existência. Em meio a tanto “barulho” dos modos de vida ético e estético, como poderia o indivíduo ouvir a si mesmo? O modo de vida religioso produz certo isolamento espiritual, não necessariamente físico, que permite a interiorização necessária para tal tarefa. Mas uma explicação mais detalhada sobre tal modo de vida será feita mais adiante.

Kierkegaard trata também do suicídio que é a destruição da própria vida, mas não exatamente negação da consciência. Diz ele:

Ao contrário, matar-se tendo uma falsa idéia do suicídio, representa um desespero menos intenso. De outro modo, quanto mais lucidamente nos conhecemos - consciência do eu – ao suicidar-nos, mais intenso é nosso desespero, em comparação com o daquele que se suicide num estado de alma indeciso e obscuro.³⁹

Deste modo, o suicídio que não é consciente não é prova de desespero intenso, pois pode ser um ato impulsionado por motivos diversos e sem grande importância. Há que se considerar também a diferença entre o desespero imediato que não provém do

³⁹ Ibidem, p.49.

choque com o eterno mas apenas da reflexão sobre si mesmo, do desespero do eterno que seria importar-se mais com o temporal, colocando-o antes do espiritual.

Finalmente, o autor afirma que nossa época não sabe o valor da solidão, tanto que a usa apenas como castigo para criminosos. Cito:

Nossa época, com sua perpétua sociabilidade, treme de tal modo ante a solidão, que não sabemos – que epigrama! - servir-nos dela senão contra os criminosos. Embora que, em nossos dias, é um crime dedicar-se ao espírito, e nada tem de extraordinário, portanto, que os amantes da solidão sejam postos ao lado dos criminosos.⁴⁰

Nossa sociedade não costuma ver a solidão como algo positivo. Além de ser castigo para criminosos, aqueles que apreciam a solidão em geral são considerados anti-sociais em um sentido pejorativo. Ou seja, o que é considerado bom e normal é gostar de estar rodeado de pessoas.

O desespero enquanto frustração do projeto existencial consiste, de um modo geral, em perceber que se pode errar o caminho no tornar-se o que deverá ser. O homem, sendo potência percebe-se desesperado frente à possibilidade de afetar negativamente seu eu, com as escolhas erradas que porventura fizer. A responsabilidade sobre sua vida e tudo o que de ruim tiver nela, é sua e somente sua.

A questão do desespero está fundamentalmente relacionada aos modos de vida identificados pelo autor, uma vez que são estes que determinam de certa forma o nível de desespero em que se está, bem como a capacidade ou não de remediá-lo. É o que veremos a seguir.

⁴⁰ Ibidem, p.62.

II. OS MODOS DE VIDA

Um parêntese sobre a vida de Kierkegaard

É importante observarmos alguns fatos da vida de Kierkegaard, pois estes possuem grande influência em sua obra.

Régis Jolivet afirma que o pensamento de Kierkegaard formou-se: “não tanto por assimilação de elementos estranhos, mas sobretudo através de uma luta de consciência, cada vez mais intensa e cada vez mais exigente, perante as condições, não já da existência em geral, mas do seu próprio existir.”⁴¹. Ainda segundo Jolivet, “a filosofia de Kierkegaard é precisamente ele mesmo e ele mesmo, não fortuitamente e, de certo modo contrariado, mas ele mesmo voluntária e sistematicamente, a tal ponto que o “existir como indivíduo” e a consciência desse existir chegaram a ser, para ele, condição absoluta da filosofia e até sua única razão de ser.”⁴²

Kierkegaard passou a primeira infância com o pai, que o influenciou muito no sentimento religioso. Opôs-se a Hegel e percebia os problemas da Igreja Luterana, como posteriormente será explicado.

Por um tempo abandonou a religião e no ano da morte de seu pai (1838) começou a viver de forma desregrada. Superando este momento, retornou a universidade (onde fazia teologia) e ficou noivo de Regine Olsen. “Contudo, à medida que se definia a singularidade de sua vocação, Kierkegaard começou a perceber que não seria capaz de partilhar sua vida com outra pessoa. Decidiu então romper o noivado, interpretando a decisão como consequência de uma vocação filosófica e religiosa.”⁴³

Kierkegaard passou a viver isolado, numa busca de si mesmo e redigindo várias obras, todas sendo fruto da inspiração nos acontecimentos de sua própria vida. Ele não só teve acontecimentos fortes em sua vida, como fez destes, pensamentos que se transformaram em partes importantes do “seu” existencialismo.

Não podemos separar sua filosofia de sua vida, ambas estão amplamente ligadas, a segunda influenciando na primeira. Contudo, isto não banaliza ou pessoaliza sua teoria mas sim a fortalece na medida em que consideramos a máxima existencialista de que “a verdade é verdade para mim”. E mais, uma vez que Kierkegaard afastou-se da

⁴¹ KIERKEGAARD, S. **Vida e Obra**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.VI.

⁴² Idem, p.VI.

⁴³ Idem, p.VII.

convivência social, identificamos uma elaboração teórica daquilo que vivenciou, uma tentativa de objetivar um pouco o que é subjetivo. Passaremos agora para o estudo dos modos de vida que caracterizam a filosofia de Kierkegaard.

1. MODO DE VIDA ESTÉTICO

Kierkegaard afirma que no caminho da vida há várias direções, vários tipos de vida a escolher, e dentro de cada uma das três escolhas fundamentais destacam-se várias características. Uma escolha seria pelo modo de vida estético, que é o do indivíduo que busca aproveitar a vida em cada momento. Quem vive no modo estético vive o momento e visa sempre o prazer, sentindo fascinação pelo instante: “[...] é imediato: vê-la e amá-la é a mesma coisa”⁴⁴. É o “Don Juan” que vive de conquistas, investindo em sua simpatia e sedução como armas para conseguir seu objetivo. Este modo de vida é apresentado por ele no *Diário de um Sedutor* (2002), no qual mostra a insatisfação do indivíduo neste modo de vida.

No citado livro, o autor mostra que aquele que escolhe este tipo de vida trata os outros apenas como objetos de seus desejos, como conquistas e isto é uma fuga, em que a imprecisão que transcorre sua vida faz com que não pertença à realidade. O indivíduo fica fechado num círculo de onde lhe é impossível fugir. Deste modo, ele fica aprisionado no personagem que ele criou e passa a ser iludido por suas próprias intrigas. Mas o esteta não é um egoísta que procura satisfazer seus desejos. Como vemos na passagem:

[...] evita falar de egoísmo, não se trata desse sentimento, e sim, de teu habitual impudor de rebelde. Como desprezas todas as prescrições da lei divina e humana, para livrar-te delas te aferras ao azar, que, nesse caso, é uma mendiga que desconheces. E, devido à tua simpatia ela deve estar, toda ela, a serviço de tuas experiências. Esqueces sempre que tua existência neste mundo não pode estar fundada unicamente no azar e que, quando fazes dele o essencial, perdes completamente de vista o que deves a teu próximo.⁴⁵

A postura estética, é irresponsável, onde o indivíduo não se dá conta da importância de escolher e escolher com discernimento.

⁴⁴ KIERKEGAARD, S. **O Matrimônio**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994, p.20.

⁴⁵ Idem, p.16.

O castigo do modo estético é a loucura que, segundo Kierkegaard, é pior que o castigo ético do remorso. Quando ele diz que “minhas aventuras de amor têm sempre uma realidade para mim próprio”⁴⁶, mostra como a máscara vira o eu. O sedutor sofre, pois se sente à mercê do acaso, sendo levado por seus prazeres e só podendo contar, neste modo de vida, com o acaso.

O esteta vive em estado de loucura, pois chega a acreditar ser o personagem que criou. O remorso, castigo do modo de vida ético, constitui a culpa por seu erro, pois no ético já se possui mais consciência num nível em que já se pode culpar a si mesmo. O indivíduo que vive em modo de vida estético, conquista sua vítima mas possui o objetivo de abandoná-la após a conquista. Apesar de sentir prazer na conquista, abandona o conquistado por não conseguir seguir em frente e sofre por isso. Ele gosta de quem conquistou, mas não consegue a posse total do outro. Deste modo, o fato de ser guiado pelo seu desejo de conquista não faz com que seja um insensível, pois cada vez que parte para uma nova conquista sente o vazio em que vive. Seu prazer é incompleto e ele não se realiza como ser humano. Assim, este sentimento é um exemplo de como o modo de vida estético conduz ao desespero, pois é busca de novidades que nunca satisfazem. O homem está perdido, procurando compreender a própria existência, sem o conseguir, apenas entrega-se a uma ilusão que criou para si mesmo e para os outros.

Para o autor, aquele que vive no modo estético é presa da sensualidade e duma alma plenamente corporal, considera-se feliz mas não é, pois o homem possui uma finalidade espiritual que não é satisfeita por este modo de vida.

Em *O Matrimônio*, Kierkegaard apresenta aquele que vive em modo estético como alguém sem consciência de si, sem noção real de seus sentimentos: “Tens uma idéia tão elevada do teu amor que certamente qualquer mulher deveria se considerar feliz em ser a tua amada durante oito dias”⁴⁷. O esteta não pretende fazer o mal ao outro e até mesmo acredita que o que lhe oferece é valioso, ou seja, não pensa no seu bem apenas, ignorando os sentimentos do outro como se estes não fossem importantes. Neste sentido, não é um egoísta, pois o mal que faz ao outro e também a si mesmo não é intencional, acreditando até mesmo que está fazendo o bem. Poderíamos dizer que em sua imaturidade, não possui consciência de si mesmo e muito menos daquilo que oferece ao outro, quem dirá se é algo verdadeiro. Está crente de que é o melhor que tem para oferecer e que está realizado em sua relação consigo mesmo e com o outro.

⁴⁶ KIERKEGAARD, S. *Diário de um Sedutor*. São Paulo: Martin Claret, 2002b, p.55.

⁴⁷ KIERKEGAARD, S. 1994, p.11.

O esteta é levado pelo sentimento e não aceita a realidade como ela é. Ele busca penetrar a realidade através do sentimento, mas os limites da sua atitude mostram ser impossível esta tarefa. Liga-se somente ao que é belo e vive para o instante tendo o prazer como última meta de vida. E acaba sofrendo porque a vida é breve diante de seus desejos infinitos que nunca conseguirá satisfazer. Tudo o que tiver será sempre pouco para ele, de modo que ele se encontra num estado sempre insatisfeito; e sua vida conduz-se na imoralidade, pois o esteta ainda não é capaz de amar o outro, no sentido de que o que ele oferece ao outro não é algo verdadeiro (e é característica da moralidade, considerar o outro).

Neste modo de vida há uma insaciabilidade que perpetua a necessidade de novas conquistas e conseqüente fuga de si mesmo. Nada satisfaz porque nada do que se tem está ligado à alma. É a ausência de sentimentos verdadeiros e apego a tudo o que é superficial e fugaz, característica do encanto para o autor, que é o que conduz o modo de vida estético. O encanto acaba, precisa-se de nova conquista para retomá-lo. O primeiro momento da conquista estética é portanto o encanto, mas este é algo que não se mantém. Não existe permanência no estado de encantamento e precisa-se partir para outra conquista para recuperar o encanto perdido.

Podemos observar como este modo de vida liga-se a uma outra característica do ser humano que é a vaidade. A vaidade, pecado bíblico tão criticado, é o que faz do ser humano um escravo de seus prazeres nos jogos de conquista. A vida para alguém dominado pela vaidade é um jogo que não cessa, porque quanto mais se tem poder de conquista, mais se quer ter. E o sedutor de Kierkegaard não é um exemplo de vaidoso? Ele sente prazer em conquistar, em conseguir aquilo que quer, podendo desempenhar personagens diversos de acordo com a necessidade de cada ocasião. Depois da conquista, perde o interesse e busca novo desafio (lembramos sempre que tal atitude não é maldosa, mas imatura).

Mas observemos novamente que, ainda que um vaidoso, o esteta de Kierkegaard busca fugir de seu desespero, fugindo de si mesmo. Ele afunda-se no vício da vaidade, mas o que o conduz não é esta e sim sua vontade de fugir do que realmente é ou a fragilidade e a incapacidade de olhar para si. No modo de vida estético, não existe ainda um uso da racionalidade na condução da vida do indivíduo. O homem é conduzido por seus impulsos e não possui controle sobre seus sentimentos e vontades. Ele vai vivendo de acordo com o que suas vontades lhe impõem, não se preocupando com a

responsabilidade com o outro nem consigo mesmo.

Neste modo de vida, nada do que se tem é duradouro, pois nada é baseado em decisões racionais, mas sim em impulsos e vontades que mudam, sendo portanto passageiros. Nada é permanente nem conduz a uma realização plena individual, pois não existindo racionalidade na condução de seus objetivos, o homem não consegue interiorizar-se o suficiente para ter uma consciência de seu eu. E por isto, fica-se também vulnerável às exigências da vida de aparência, por exemplo, o indivíduo pode acabar desejando e perseguindo coisas apenas porque os outros as aprovam.

Porém, a fuga da angústia é o objetivo principal do esteta que, incapaz de olhar para si mesmo e perceber-se como indivíduo, perde-se em uma sucessão de conquistas e objetivos superficiais e ilude-se com os personagens que criou. Assim, em meio a tantas novas conquistas, foge de si mesmo e não consegue realizar-se já que seus objetivos nada têm a ver com seu eu, mas são ligados aos personagens que encarna ao longo da vida. Suas conquistas aliviam sua angústia temporariamente e lhe fornecem passatempo, produzindo um “barulho” ao redor que o distrai e impede de ouvir o que seu eu lhe pede. Distraído, o esteta finge não ser um desesperado, um ser em permanente angústia.

Devemos acrescentar ainda que o esteta é livre e por isso não quer casar, seduzindo, mas não em um sentido vulgar. E na sedução ele é o primeiro a olhar, estratégia de defesa para enfeitiçar sem ser enfeitiçado. É ele quem conquista e não é conquistado e tal conquista é um jogo onde não existe pressa ou ansiedade. A estratégia é articulada através da observação do objeto de conquista, o que o esteta faz é planejado, raciocinado.

Fazem parte do modo de vida estético as características da maneira romântica de viver: surpresa, sorte e acaso, todas estas características que não dependem de racionalidade, de escolha. Surpresa, sorte e acaso são fatores que não pedem responsabilidade ou planejamento e que tiram do indivíduo a culpa ou mérito pelo que lhe acontece. Também por isso, não se pode considerá-lo mau, pois o mal é identificado na intenção da atitude. Se ele age irresponsavelmente, nem mesmo um ético, no sentido rigoroso do termo, poderá culpá-lo, a menos que sua atitude implique em algum delito.

Deste modo o sedutor não é cruel em sua intenção, é antes ingênuo e imaturo, mas não mau. Seu objetivo não é fazer mal ao outro, nem brincar com os sentimentos de ninguém. Talvez nem o próprio sedutor saiba que o que terá será temporário. É bem provável que ele acredite que o sentimento que tem para oferecer é durável e

verdadeiro. Cito:

Tal como podemos dizer que era improvável descobrir o rastro desse homem (os seus pés conservavam as pegadas que faziam – é assim, com efeito, que melhor posso representar a sua infinda intelectualidade) também podemos afirmar que não foi ativamente responsável por qualquer das vítimas. A sua vida era excessivamente intelectual para que ele pudesse ser um sedutor, no sentido banal do termo, embora por vezes se revestisse de um corpo parastático e fosse então, todo ele, sensualidade pura.⁴⁸

Quando o sedutor “arquiteta” racionalmente sua estratégia para a conquista, não o faz com maldade como costumamos supor que tal atitude implique: “Don Juan as seduz e as abandona, mas todo o seu prazer reside em as seduzir e não em as abandonar; não se trata pois, de modo algum, dessa crueldade abstrata.”⁴⁹. O sedutor observa aquela que quer conquistar e através dela mesma, traça sua estratégia, pois cada uma tem algo que o cativa e a estratégia de conquista não pode ser, portanto, a mesma para todas: “Sempre confessarei que uma donzela é um professor nato e que sempre será possível aprender com ela, se não outra coisa, pelo menos a arte de a iludir.”⁵⁰. Ele interage com o objeto de sua conquista, observando cada detalhe, cada característica, e constrói um perfil de personalidade, necessidades, desejos, valores da que pretende seduzir, cito:

Ela mudou e continua a mudar. Para explicar o estado da sua alma, diria que, atualmente, é o da audácia panteísta. Isto nota-se imediatamente no seu olhar. As esperanças que nele se refletem são audaciosas, quase temerárias, como se aquele olhar exigisse e pressentisse, a todo o momento, o extraordinário.⁵¹

O processo de sedução é racional e de paciência, é um jogo detalhadamente pensado em todas as suas partes: “Com a ajuda das suas qualidades espirituais, sabia tentar uma jovem, sabia atraí-la para si, sem se inquietar...”⁵². O sedutor vai se aproximando daquela que seduz, conhecendo-a, ganhando sua confiança, sempre representando o personagem que constitui o ideal de amante da seduzida. Podemos perceber na citação abaixo este caráter racional do processo de sedução:

Por outro lado, seria fácil perder-se o verdadeiro prazer, dado que a emoção demasiada é também nociva. Em relação a ela, uma tal

⁴⁸ KIERKEGAARD, S. 2002b, p.18.

⁴⁹ Idem, p.135.

⁵⁰ Ibidem, p.94.

⁵¹ Ibidem, p.105.

⁵² Ibidem, p.17.

medida revelar-se-ia completamente errada. Em poucas remadas eu abordaria talvez aquilo de que poderia, de outro modo, usufruir durante muito tempo; sim, pior ainda, aquilo de que, usando de todo o meu sangue-frio, poderia obter o prazer mais completo e rico.⁵³

Recebendo tantas declarações e “provas” de amor, a seduzida entrega-se e confia seus sentimentos a ele. Ela pode, por vezes, perceber o jogo e entrar nele, sendo ela também uma “sedutora”, fazendo com ele o mesmo jogo. Ou pode mesmo perceber o seu jogo e sentir-se insegura, não se entregando ou pelo menos não completamente. Mas parece que o que mais acontece é de a seduzida ser iludida no processo de sedução sem nada perceber, já que o sedutor, incrivelmente inteligente e perfeito estrategista, calcula com exatidão cada atitude e palavra a fim de que não fiquem dúvidas quanto aos seus sentimentos.

Mas acontece às vezes de o jogo de sedução ser ambíguo de tal forma, que posteriormente não fica claro quem é sedutor e quem é seduzido: “Mesmo na sua aventura com Cordélia, tudo foi de tal modo ambíguo que lhe era possível afirmar ter sido ele o seduzido.”⁵⁴. Podemos observar também que a sedução produz mudanças na vida da seduzida: “...onde poderias ver que uma dama, ao apejar do cavalo, se comprometeu de tal modo que esse fato veio a decidir toda a sua vida futura.”⁵⁵. Ela passa a incluir seu sedutor nos seus planos, no seu projeto de vida, sonhando com seu futuro ao lado dele. Não imagina a possibilidade de estar com outro que não ele, tão enredada está, e muitas vezes nem é a única naquele momento na vida dele:

Pode-se estar apaixonado por muitas ao mesmo tempo; porque as amamos de diferentes maneiras. Amar apenas uma é demasiado pouco; amar todas é uma imprudência de caráter superficial; porém, encerrar na sua alma todas as energias do amor de modo que cada uma receba o alimento que lhe é próprio, ao mesmo tempo em que a consciência engloba o todo – aí está o prazer, aí está o que é a vida.⁵⁶

O sedutor é um estrategista que preserva sua frieza, pois em um jogo de estratégia, todo detalhe deve ser analisado minuciosamente para não haver erros. Ele alimenta sua vítima de tudo o que pode trazê-la para ele: “O que lhe dou a ler é, na minha opinião, o melhor alimento: a mitologia e os contos.”⁵⁷. Ou seja, de certa forma é claro para ele que o que dá para sua vítima são mentiras (mitologia e contos), não a

⁵³ Ibidem, p.75.

⁵⁴ Ibidem, p.18.

⁵⁵ Ibidem, p.24.

⁵⁶ Ibidem, p.70.

⁵⁷ Ibidem, p.116.

verdade de si mesmo. O que dá de si a ela é alegórico e desta forma, mantém-se protegido; é uma posição de extrema insegurança, pois não assume a verdade de si mesmo para conquistá-la. Necessita sim esconder-se, e neste processo muitas vezes confunde-se, e pode até mesmo acreditar no personagem que criou e vivê-lo como se fosse ele mesmo. Esconde-se de si mesmo e do outro e protege-se da rejeição e da insegurança que é entregar-se.

Pode-se dizer também que o sedutor seja um covarde, pois não arrisca entregar-se, não se expõe. Constrói ao redor de si uma proteção que é seu personagem e não se deixa envolver. Mantendo relações superficiais, julga não sofrer, mas sofre porque nunca tem nada. Julga ser um grande sofrimento ter algo e perder, mas que sofrimento é pior do que nunca ter nada e viver de mentiras? Enquanto vive assim, não é ninguém no mundo e não tem ninguém de verdade. Mesmo aquelas que conquista, não é ele quem as conquista, mas o personagem que criou, de modo que continua sozinho, sempre sozinho. A ilusão de que é feita sua vida faz com que não viva de verdade, ele não dá nada de si a ninguém, mas também não recebe nada, pois não é para ele que se direciona o que é dado.

O modo de vida estético compreende vários tipos de estetas, mas é comum a todos eles o desejo, seja ele sentimental, material, erótico ou outro tipo de desejo. Usamos o exemplo do desejo erótico, pois é este o exemplo que Kierkegaard utiliza. O que move aquele que vive no modo de vida estético é o desejo, desejo constante e insaciável, embora seus objetivos não sejam claros, nem mesmo para ele.

O que percebemos muito claramente é que no modo de vida estético há uma necessidade constante de fuga de si mesmo. O esteta não está preparado para ver a si mesmo em profundidade e por isso recorre ao que é mais fácil, menos trabalhoso, que é viver personagens fictícios, sendo superficial em tudo o que faz. A busca incessante de seus desejos produz um estado vicioso, que o deixa preso neste modo de vida. A vida é cheia de aventuras e riscos, cheia de conquistas e estratégias e isto produz uma grande ocupação em sua mente. Não há monotonia, não há tédio, ao contrário, sua vida é bastante movimentada.

Também é este o modo de vida da irresponsabilidade. Não existe um comprometimento consigo mesmo nem com o outro. As ações aqui são irresponsáveis e podem sê-lo, pois tudo é temporário. Tudo na vida é provisório e nisto está o encanto, isto faz com que seja a vida algo interessante. Não é preciso lidar com a rotina, nem

com as dificuldades que o que é duradouro implica. Qualquer contrariedade que apareça em sua vida é deixada de lado e passa-se para outra conquista, pois não faz sentido em um mundo puramente estético ter incômodos.

Por exemplo, o homem ético, comprometido em um relacionamento duradouro, lida com uma adversidade de dificuldades e contratempos. O homem ético discute sobre seu relacionamento, resolve problemas do cotidiano, supera desentendimentos ou ao menos tenta superar. Sua escolha por algo duradouro implica em não desistir diante de qualquer obstáculo. Já o esteta não, ele não possui qualquer comprometimento a não ser com a satisfação de seus desejos e portanto, não lhe cabe sofrer “problemas conjugais”. Só lhe interessa a parte boa do relacionamento e só permanece naquele relacionamento enquanto está sendo agradável e interessante.

Mas pode existir maior sofrimento do que representar permanentemente? O esteta pode ser o pior dos sofredores por nem poder ser ele mesmo. Ele passa o tempo todo representando para os outros e para si mesmo, afinal, precisa convencer a si próprio de que está feliz neste modo de vida. Seu desespero está em saber que tudo o que vive, o que dá e o que recebe são mentiras. Nada do que tem é verdadeiro. Pode ouvir palavras bonitas, mas não são para ele; pode receber sentimentos e atenção, mas não são para ele. Deste modo, o esteta nada tem, pois nega a si mesmo ter algo verdadeiro.

Portanto, o indivíduo que vive como esteta esconde dos outros e de si mesmo o seu eu mais íntimo; vivendo apenas um personagem, nada tem porque tudo o que recebe não é para ele, mas para o personagem que criou e que faz todas as conquistas e vive em seu lugar. Desta forma, nunca é amado, pois não se coloca em posição de receber o amor, não se entrega, não se mostra para que o outro o veja e o ame. O modo de vida estético está relacionado ao amor romântico, que veremos a seguir.

1.1 O AMOR ROMÂNTICO: ENCANTO E PAIXÃO

Kierkegaard afirma que o espiritual é o suporte do material, o imperecível é a base do perecível. Por isso, quando o sentimento é ligado apenas ao exterior, acaba no momento em que o desejo é satisfeito. Sendo assim, quando só existe a parte exterior, tem-se um sentimento finito, que o autor chama de amor romântico. Os amantes acreditam formar um “todo”, mas como o eterno funda-se nas afinidades (sensíveis), vê-se fundado no temporal e se anula. Ou seja, o amor romântico está ligado ao perecível e por isso não se sustenta.

O aparente é temporal e o eterno é o que realmente é, é o permanente. Quanto a isso podemos aceitar que Kierkegaard tenha fundamentado bem a questão, já que ele parte do princípio de que a alma é imortal e também a parte mais importante do indivíduo. E sendo assim, um tipo de sentimento superior deve estar ligado a ela, apesar de não se ter nenhuma garantia disso.

Voltando ao pensamento do autor, o amor romântico é imediato, vê e ama, mesmo assim este amor possui também o seu valor. Poderíamos dizer que este é o sentimento do esteta, o que tem a oferecer ao outro.

Kierkegaard diz que a grandeza do amor romântico é a espontaneidade e a liberdade e que ele é imediato pela necessidade, já que sendo baseado em aparências, não suporta considerações racionais. Ele é fundado na beleza sensível mas tem também sua nobreza, pois inclui certa consciência da eternidade, e: “é o selo da eternidade o que distingue o amor da voluptuosidade”⁵⁸.

De acordo com o autor, o sensual é coisa de momento e o amor romântico pode possuir ligação com a ordem moral que o salva da pura sensualidade. Então, a paixão é mais do que pura sensualidade. Pois o sentimento que o sedutor possui não é somente ligado ao físico, à satisfação de necessidades puramente físicas. Mesmo sendo um sentimento superficial e passageiro, pretende um relacionamento completo de convivência com o outro e não apenas uma relação puramente sexual.

No *Diário de um Sedutor* (2002b, 36p.), Kierkegaard mostra que a paixão não é somente voluptuosidade: “mais do que nunca me dão prazer as jovens e, entretanto, não tenho o desejo do prazer. É ela quem, por toda parte, procuro.”. O sedutor não quer

⁵⁸ KIERKEGAARD, S. 1994, p.21.

qualquer uma, quer aquela por quem está apaixonado. Ele vive sua paixão com uma de cada vez, entregando-se ao encanto que sente naquele momento.

Deste modo, o amor romântico é o exemplo do modo de vida estético, podendo ser preservado de certa forma nos outros modos de vida, melhor dizendo, pode-se mantê-lo vivo. Porém, quando se passa para os outros modos de vida, este sentimento “evolui”, adquirindo novas características. No modo de vida estético o sentimento que se tem pelo outro é meramente sensível e portanto muito frágil, podendo acabar a qualquer momento. Mas tal sentimento é, para Kierkegaard, muito importante, pois faz do amor construído posteriormente algo verdadeiro, no sentido de que não foi escolhido pela razão, planejado por outros interesses; mas sim que constitui um sentimento livre e espontâneo, como já citado, pois seu primeiro impulso não é algum outro “interesse”.

São três os tipos de sedutor, representados por Don Giovanni da ópera de Mozart, Fausto de Goethe, e Johannes do *Diário do Sedutor*. Don Giovanni não é vulgar, mas sensual e envolvente, vivendo no instante e passando de uma conquista para outra. Fausto é diferente de Don Giovanni, sendo apaixonado por Margarida e concentrando-se na conquista dela somente, que para ele é a mais bela e perfeita. Fausto tem, portanto, muita vida interior, não sendo como Don Giovanni, para quem qualquer uma serve. Johannes, o Sedutor é diferente dos dois. Diferente de Don Giovanni porque é refletido; e diferente de Fausto por ser irônico e não se prender a Cordélia como Fausto a Margarida. Johannes registra o prazer esteta de sedutor no *Diário*, prazer este que é refletido.

Com estes exemplos, percebemos que não existe um tipo só de sedutor e nem poderia, já que seria muito simplista identificar apenas um grupo de indivíduos que viva neste modo de vida. Podemos desta forma também perceber que num mesmo modo de vida existem níveis de consciência diferentes e conseqüentemente diferentes modos de viver no modo estético.

Pode-se ser um esteta que coleciona conquistas uma após a outra indiscriminadamente, ou ser o conquistador de uma só por quem se tem paixão, ou seja, um sentimento somente a ela destinado. E ainda, pode-se ser o sedutor que reflete, já entrando no “estágio” intermediário, da ironia. Este ainda não escolheu o modo ético, mas percebe o engano em que vive e sobre isto reflete. Algo que aparece muito claramente em todo *Diário do Sedutor*, onde o personagem reflete sobre si mesmo e sobre a condição em que vive, ainda que se sinta confortável nela.

Como esteta, o indivíduo não consegue ser feliz, segundo Kierkegaard. Mas será essa a verdade? Se a verdade “é para mim” como define o existencialismo, cada um escolhe a sua e podem existir muitas pessoas que sejam felizes no modo estético. Partindo do próprio pressuposto existencialista, poderíamos dizer que depende da personalidade de cada indivíduo se adaptar ou não e talvez alguns se realizem como estetas (o mesmo pode-se dizer do modo de vida ético). Em *O Banquete*, o próprio autor, através do personagem Johannes o Sedutor, apresenta-se como feliz e realizado enquanto esteta, como vemos na seguinte passagem:

A astúcia dos deuses veio a dar resultado. Nem sempre, porém, com êxito igual. Em todos os tempos surgiram homens que estiveram atentos à fraude. Uns ficaram isolados; outros observaram a graciosidade da mulher, e, mais do que os primeiros, viram de perto a armadilha. A estes chamo eróticos, e conto-me no número deles; os homens chamam-lhes sedutores, e as mulheres não lhes dão classificação especial, porque para elas, representam o inefável. Os eróticos são os mais felizes. Vivem com maior magnificência do que os deuses, porque se alimentam de um manjar muito mais delicioso do que a ambrosia, e bebem um licor mais inebriante do que o néctar; [...]⁵⁹

⁵⁹ KIERKEGAARD, S. *O Banquete*. Lisboa: Guimarães Editores, 1996b, p.124.

1.2. IRONIA

Entre o modo de vida estético e o ético está a escolha, pelo fracasso da vida estética, caracterizada pela ironia. Esta é a atitude daquele que percebe as características da vida infinita e da finita, mas ainda não optou pela infinita. Então, seu estágio seguinte é o modo de vida ético. A ironia está no seu desapego pelo mundo, querendo, na verdade, que o mundo o obedeça. Sendo a ironia já reflexão, não está mais no modo estético e passa para o ético quando decide escolher; deste modo é a ironia o momento intermediário. Valls a caracteriza assim:

[...] é da essência da ironia jamais desmascarar-se e usar de uma “comunicação telegráfica”, [...] é essencial ao irônico jamais enunciar a idéia como tal, mas apenas sugeri-la fugazmente, e tomar com uma das mãos o que é dado com a outra, e possuir a idéia como propriedade pessoal.⁶⁰

Segundo Valls, em *Entre Sócrates e Cristo*, existem várias formas de ironia, por exemplo, a ironia fingida, a ironia romântica, etc., sendo aquela o exemplo da ironia socrática que se traduz em: “[...] uma atitude galhofeira, sem seriedade, ou pelo menos sem aquela seriedade carrancuda que tradicionalmente utilizamos, mesmo em coisas sem maior seriedade, quando a verdadeira seriedade deveria levar a sério somente o que é sério, [...]”⁶¹. A ironia socrática é uma forma de comunicação em que se ri como ataque e defesa, não sendo a ironia comumente caracterizada por se dizer o contrário do que se pensa. Sócrates finge ignorância como estratégia para estabelecer uma comunicação, onde deixa em aberto muitas perguntas para que o interlocutor possa exercitar seu pensar. Diz Valls:

De qualquer maneira, a ironia parece identificar-se geralmente com formas divertidas, mesmo quando disfarçadas. [...] A forma mais corrente de ironia consiste em dizermos num tom sério o que contudo não é pensado seriamente. A outra forma, em que a gente brincando diz em tom de brincadeira algo que se pensa a sério, ocorre raramente.⁶²

A ironia não é maldade e nem pode ser avaliada por conceitos morais, mas é uma consciência de superioridade. O irônico quer apenas parecer diferente do que é.

⁶⁰ VALLS, A. 2000, p.81.

⁶¹ Idem, p.20.

⁶² Ibidem, p.25.

A ironia romântica é a exemplificada por Johannes, o sedutor do *Diário*, que é um esteta convicto, decidido pelo seu modo de vida, mas que reflete a ilusão em que vive e que portanto, coloca-se ironicamente diante de sua paixão. Ele se reconhece como um iludido, mas não decidiu ainda sair deste modo de vida e mudar para outro. De modo que defende sua forma de viver, faz-se de feliz quando sabe que é um infeliz prisioneiro das ilusões que criou para si mesmo e para os outros.

Podemos afirmar que a ironia é o motivo de Kierkegaard ser ambíguo, pois o autor escreve com ironia sempre. Assim como Sócrates, ele utiliza a estratégia das perguntas sem resposta. Observamos muitas vezes nos textos do filósofo, que são apresentadas por ele idéias contrárias ao que defende, fazendo um exercício de argumentação que nos leva a perceber o erro que seria considerar tal determinação como correta. E além disso, ele faz muitos questionamentos que embora levem à uma determinada conclusão para quem conhece o pensamento dele, confundem e produzem um exercício de raciocínio e atenção.

2. MODO DE VIDA ÉTICO

O modo ético é o do indivíduo que é maquiinalmente correto com a família e devotado ao trabalho. Este estágio é marcado pela seriedade e por decisões consistentes, tomadas segundo padrões morais. É o modo do homem sério, razoável, bom marido, pai e cidadão. É a adequação da interioridade e exterioridade, a segurança da generalidade a partir da qual o indivíduo é reconhecido e onde pode escapar da angústia da interioridade solitária, expressando-se de alguma forma no exterior. O homem ético entrega-se ao convívio social onde faz parte de um grupo por obedecer às regras deste. Assumindo seu papel no grupo, o homem ético foge de sua “interioridade”.

A sociedade nada mais é do que uma exteriorização que impede a introspecção, gerando mentira, despersonalização, anonimato. Ela nivela a todos, igualando-os e oprimindo o que têm de único e individual. Como bem aponta Lupi: “A sociedade apodera-se do indivíduo diluindo a sua personalidade nas relações e na estrutura social.”⁶³ (não publicado).

No ser existe o conflito entre desejo e dever e quando se faz a escolha pelo modo ético, abre-se mão do desejo, cedendo a uma série de obrigações que nos são impostas na esfera ética. No modo de vida ético, começa a estar presente a condução racional da vida, o controle racional dos instintos, mas não é ainda uma racionalização total, pois não conduz à escolha de um parceiro por interesses materiais, por exemplo. Para Kierkegaard, seria desprezível pautar a vida por interesses materiais, ligando-se a pessoas por dinheiro ou mesmo outro interesse. Ele dá vários exemplos disso, falando de motivos que um casamento poderia ter que não fosse o amor e que por ele seriam rejeitados. Ser ético não é abandonar sentimentos fazendo de todas as escolhas uma realização de interesses pessoais, ou seja, usar o outro como meio para uma necessidade pessoal. Ao contrário, a esfera ética é a do sacrifício de si pelo outro, do amor ao próximo mais do que a si mesmo.

No ético, concilia-se a vontade com a vida social, mas não se é um escravo, pois se faz o bem por querer. Quem adere à esfera do ético, abandona o modo de vida estético por escolha. Porém, é a esfera do homem que não se conhece ainda como espírito nem conhece a sua ligação com Deus. E é existência cega de si mesma, como a do esteta, sendo também, desespero. O homem ético refugia-se no papel social, ignora

⁶³ LUPU. **Kierkegaard no seu tempo-anotações e esquema**, p.02.

onde esteja o verdadeiro perigo: “[...] o pior e terrível é a estupidez ética”⁶⁴. Por já controlar os instintos, julga-se no caminho certo, mas está mais preso do que no modo estético, por comprometer-se com uma série de coisas.

Assim como no modo de vida estético, o ético liga-se ao que é temporal e o indivíduo assim desesperado não sabe o que acontece com ele. Perde a eternidade e a si mesmo e nem percebe. O modo de vida ético não possui valores constantes, pois estes não são internos ao indivíduo e por isso tudo é passageiro. Um homem nessas condições, nega seu desespero e não quer se encontrar. E acaba com isso acomodando-se no seu papel social, onde é bem julgado pelos demais e vive em situação confortável. Aliás, um dos perigos que podemos identificar no modo ético é a aprovação dos outros. Ora, quando o indivíduo representa seu papel social, é aprovado pelos demais pois respeita os seus direitos. Quanto mais ele vive de forma correta, mais contribui para o bem-estar dos outros. Isto conduz a dois problemas: ficar envaidecido por ser admirado em sua postura; e confundir a aprovação social com garantia de estar fazendo o correto.

Não será tentador ser considerado correto pela sociedade? E nisto não estaria o remédio para uma insegurança própria do ser humano? Poderíamos ao menos identificar que ficar sozinho, criticado e rejeitado por todos, não é a posição mais fácil e agradável e quem a escolhe possui discernimento para não se deixar afetar pela opinião alheia. Em geral, a sociedade cobra dos indivíduos certas atitudes para que este seja aprovado socialmente.

Outro problema que surge da aprovação da sociedade é a confusão que a opinião da maioria causa no indivíduo. Um exemplo disso são nossos gostos pessoais, tão afetados pelo que é vigente, que domina a maioria das pessoas. Em meio a tanta influência de padrões e comportamentos ao nosso redor, como garantir que nossos gostos pessoais sejam genuínos? Somos afetados por tudo o que está ao nosso redor e nossa consciência acaba se modificando sem nem percebermos. É como se fosse feita uma lavagem cerebral que nos afeta tanto em coisas muito superficiais, como o modo de vestir, até atingir níveis altos de pensamentos e idéias.

A idéia predominante é a de que a maioria está certa. É assim que somos acostumados a pensar, de forma que, toda pessoa que se comporta de forma diferente da “normal” é marginalizada. Faz parte do modo de vida ético “padronizar” comportamentos, cobrar uma uniformidade de atitudes, ora, a esfera ética é aquela que

⁶⁴ KIERKEGAARD, S.2002a, p.56.

busca produzir uma harmonia entre os seres humanos e para tanto, procura os igualar. Este é um dos perigos do modo de vida ético, do indivíduo perder-se na aprovação da sociedade e não conseguir perceber-se, interiorizar-se.

O esteta ainda conta com algumas críticas, de que é irresponsável, imaturo. Aqueles que vivem no modo de vida ético também percebem sua fuga e a superficialidade em que vivem, mas no modo ético pouco se recebe de crítica, muito pelo contrário, o indivíduo é aprovado por todos. O esteta vê o homem ético com certa ironia e o indivíduo religioso também percebe o erro ético, mas a grande maioria aprova sua conduta e o admira. Por isso, aquele que decide escolher pelo modo de vida religioso, o faz com grande dificuldade, pois muito deve ser abandonado: vaidade, companhia dos outros. Este é um ponto que também identifica a solidão do modo de vida religioso, onde se perde a aprovação dos outros, a admiração, fica-se sozinho e incompreendido.

O prazer ao qual o estético não quer renunciar, o ético pretende organizar. A ética traz a continuidade, o tempo. Não vive o instante como o estético. E nesta esfera, o homem vai se tornar algo através do dever, conformando-se ao universal.

O esteta não possuía moralidade, por ser indiferente a esta. O ético compromete-se. Ele tem a responsabilidade de ser razoável e sociável. E o compromisso leva em conta o outro, tentando conciliar a vida interior com a exterior. No ético, a moralidade introduz a eternidade: “a verdadeira eternidade no amor, que é a verdadeira moralidade, tem por primeiro efeito, pois, salvá-lo do sensível. Porém, se há de se produzir essa eternidade verdadeira, é preciso que intervenha a vontade”⁶⁵. E deste modo, a decisão pelo casamento, passagem do estético para o ético, é a decisão pela eternidade e o ético passa a sustentar a estética.

O modo ético não é a exclusão do estético, do prazer, mas a reorganização deste. Pois, mesmo havendo um salto, o indivíduo não deixa de ser ele mesmo quando passa de um modo de vida para outro. Ele se refaz, se reconstrói sobre o que foi no estético: “[...] e a mim importa mostrar que mesmo na vida diária é possível ser fiel à estética”⁶⁶. O estético é mantido dentro do ético mas reformulado, permitindo que se possa ter maior consciência de quem se é e da pessoa com a qual se convive, sem perder a beleza.

No modo ético o indivíduo pode exercer seu amor ao outro, já que no estético aquilo que fazia pelo outro não era por amor a este, mas por si mesmo, porque baseado

⁶⁵ KIERKEGAARD, S. 1994, p.22.

⁶⁶ Idem, p.12.

no orgulho como diz Kierkegaard: “já vês que não te nego tampouco certo espírito de bondade e caridade; teu modo de socorrer os infelizes é verdadeiramente belo e a humanidade que demonstras não carece de nobreza; porém, creio também, ver nela um resíduo de orgulho”⁶⁷. Assim, o esteta faz bem ao próximo, mas por orgulho e não por amor.

No modo de vida ético, há um reconhecimento de se fazer parte de um todo, de um conjunto de indivíduos. E este reconhecimento torna-se mais importante que qualquer interesse egoísta que leve a uma realização individual. Por isso, no sentido de possibilitar um controle dos instintos, é um modo de vida superior ao estético, mas não do ponto de vista de remediar o desespero que aqui, está tão presente quanto no estético. No estético foge-se de si mesmo através dos prazeres, no ético através das obrigações sociais.

Note-se que existe um sentimento comum aos modos de vida estético e ético que é o da aprovação do outro. O esteta quer ser amado, quer conquistar por sua simpatia e sedução e o homem ético quer ser aprovado pela sociedade, quer que suas ações sejam consideradas corretas e admiráveis. E a necessidade de aprovação do outro impede o olhar para si mesmo, para a aprovação de si mesmo, a verdadeira aprovação de si mesmo que conduz à realização do eu.

⁶⁷ Ibidem, p.14.

2.1 A PAIXÃO

Kierkegaard destaca que falta ao amor romântico reflexão e, então, o método poderia ser submetê-lo à dúvida. E o que se observa é que a paixão é muito forte, mas desaba diante da dúvida. É um sentimento fugaz, instável, incerto, inseguro.

Quanto ao sentimento do erótico, é o que há de mais belo na existência do homem e Kierkegaard não rejeita o lado erótico do amor. A sensualidade dentro do amor não é só sensível, o autor afirma que a carne não é o sensual, mas o egoísta. Assim, mesmo o espiritual pode ser sensual. Com relação a isso, percebemos que o autor é muito claro, ele mostra que o desejo físico, quando num estado de paixão, é saudável, porém, o amor superior é o que leva à eternidade.

A paixão é a emoção primeira do amor e é bonito manter-se fiel a ela. Assim, deve-se lembrar dela, pois mesmo não sendo perfeita, possui beleza. A paixão é o amor-instinto, é o momento da “coisa primeira” e as pessoas gostam do primeiro. Quanto menos se repete, mais tem valor o caráter primeiro. Fala-se das primeiras emoções do amor como se não se repetissem. Mas nesta “coisa primeira” existe a totalidade e o amor já está presente aí, em potência. Então são felizes os que perpetuam este primeiro instante em um segundo, um terceiro, até a eternidade, enquanto os infelizes o têm como primeiro momento. Deste modo, para uns é presente e para outros, passado, e a eternidade contempla a dualidade de passado e futuro. Essa eternidade aparece mesmo quando os apaixonados sentem como se conhecessem um ao outro desde sempre e fossem destinados um ao outro. O autor afirma que mesmo depois da união já num estado maduro, eles gostam de pensar assim e este pensamento possui beleza.

Kierkegaard fala também do dito “o amor cega as pessoas”⁶⁸, que segundo ele, refere-se ao amor-instinto. O filósofo diz que a paixão cega as pessoas. Que não vemos os defeitos do outro, enquanto no amor podemos ver estes defeitos e conviver com eles. Para ele, no amor-instinto a pessoa contempla sua visão interna do outro, já no amor eterno possui total visão. Quanto a isso, percebemos que ele expressa bem o que se vê na realidade, em que as pessoas ficam “cegas” quando apaixonadas, demonstrando que é um sentimento imaturo. Mas o autor não explica bem porque isto acontece e também não define se é só este o modo de se começar um relacionamento, ou seja, se é possível ignorar este estágio.

⁶⁸ KIERKEGAARD, S. 1994, p.41.

Ele afirma que a paixão toma-nos de surpresa, sendo uma atração forte e nisso justamente encontra sua liberdade. Ela não teme o perigo e possui a segurança do imediato e do espontâneo, desafiando o mundo. A falta de obstáculos lhe é desagradável. Ou seja, é um sentimento forte, mas momentâneo. E observamos isto quando os apaixonados enfrentam tudo e todos e pensam ter certeza do que sentem, até mesmo trocando juras de amor eterno e fazendo planos futuros tão logo se conheceram.

Depois ele fala da necessidade ética de que a paixão seja eterna, onde afirma que a eternidade da paixão lhe dá moralidade. E é no compromisso com o outro perante a sociedade que vai mostrar-se o lado ético. Então, a paixão precisa assumir a decisão de estar com aquela pessoa sempre perante os outros para que seja ética.

O religioso não aniquila a paixão, mas a sustenta, levando-a a união com o eterno. Isto, entretanto, não fica explícito nas palavras de Kierkegaard, até porque, em sua fundamentação do modo de vida religioso, ele mostra que este é uma escolha pela solidão. Kierkegaard também vai afirmar que só se ama uma vez na vida e, sendo assim, é característica do verdadeiro amor terrestre ser a um só e uma só vez.

2.2 AMOR E PAIXÃO

O autor afirma que o amor se distingue da paixão por seu caráter ético e religioso. A paixão é vazia, possui apenas o lado estético. Não sabe renunciar e quer algo, de qualquer jeito. Mas apesar de parecer, a paixão não é egoísta, falta-lhe apenas reflexão. Para amar de verdade precisa-se conhecer, saber o que se ama. E o amor parte do amor de si mesmo. Amor próprio e amor são a mesma coisa e o amor sublime é amar ao outro. Viver para o outro e não para si. Amor é entregar-se e só se pode fazê-lo quando se sai de si mesmo, quando se abandona o egoísmo. Assim, quem ama e conhece a si mesmo, pode amar e se dar ao outro. Podemos aceitar que esta seja uma boa definição que determina o amor como algo maduro e seguro. Antes de ficar com alguém, devemos saber quem somos e o que queremos.

O conquistar por uma imagem não é amar, é enganar. É preciso mostrar-se para ser amado. No estágio da paixão – de domínio estético –, conquista-se a partir de um personagem criado para seduzir, enquanto que o amor verdadeiro, ligado à alma, tem de ser baseado na verdade sobre o eu. Para Kierkegaard, o amor é um sentimento maravilhoso, que traz felicidade e que faz todo o resto ser menor que ele. O amor é infinito e faz querer todo o resto para “passatempo”, quer dizer, queremos o resto como detalhes para nos distrair.

A paixão faz gostar do mais lindo, do mais genial, já o amor não vê o maior talento. Ele diz que no amor é possível saber o que somos e podemos, o que queremos. E como algo ligado à alma, não vai se basear em qualidades. Há, porém, questões que Kierkegaard não responde, tais como: No que se baseia o amor? Em empatia? Neste ponto o autor não é muito claro, pois deveria determinar claramente a partir do quê o amor acontece. Parece que o amor é construído, ou seja, nos apaixonamos por alguém e decidimos inserir nesta relação o ético, que é o decidir ficar com a pessoa e se comprometer com ela. E para isto é necessária uma reflexão que só existe neste estágio. Então o amor é algo programado? Não é um sentimento natural? Só a paixão é natural? Mas o que faz eu decidir ficar com esta e não aquela paixão? É uma decisão baseada em quê? Isto ele não deixa claro!

Podemos tentar responder a tal questão pelo que parece ser seu pensamento, a partir de outras definições que ele dá do assunto. Como o filósofo é religioso, podemos supor que pense no que aqueles que acreditam existir um Deus pensam, que existe um

certo destino e predeterminação. Ora, Deus para um luterano é o criador, onipotente, onipresente e onisciente, que tudo pode, em todos os lugares está e tudo sabe. Ele define um destino ao criar o homem mas também lhe dá o livre arbítrio. Desta forma, tudo o que acontece ao indivíduo é responsabilidade dele, pois ele faz escolhas em sua vida. Porém, muita coisa é definida e o amor, podemos supor, seja uma delas. Deste modo, é por destino, por predestinação divina que se encontra a pessoa que desperta o amor, porém, ficar com ela e como conduzir o relacionamento ao seu lado, depende de escolha, podendo-se mesmo fazer como o próprio Kierkegaard que desistiu de Regine Olsen, mulher que amou.

O ser humano não é um boneco nas mãos do criador, que faz tudo o que este lhe ordena. Ele também tem sua capacidade de escolher, o poder de decisão. Talvez por isso Kierkegaard defenda que enquanto não se escolhe o modo religioso, o desespero é imenso e irremediável. Pois, na verdade, existem coisas que não se pode escolher, que simplesmente acontecem e nada se pode fazer contra. E ser responsável até por estas coisas, onde nem se pode compreender porque se é responsável, já que nada se fez para que aquilo acontecesse, é um peso muito grande. Mas esta questão será melhor vista mais adiante.

Quanto ao “costume”, o autor afirma que é um termo que não pode ser usado para o amor e a vida. Refere-se ao que é mau e revela falta de liberdade e a liberdade faz parte do bem. Sendo o amor um bem, então a liberdade está presente no amor e ele não possui o costume. O amor trabalha a individualidade, ele é a síntese entre liberdade e necessidade. Sentimos-nos livres dentro da necessidade e possuidores de tudo. Mas Kierkegaard não especifica como preservar a liberdade que faz com que o costume seja afastado; de fato, é a vida em comum que traz o costume e preservar a liberdade não parece afetar nisso o indivíduo.

Ele diz que o amor não é excelente no momento, mas todo dia. Um sedutor faz sua conquista naquele momento e no amor valem várias conquistas. E estas várias conquistas fazem parte da posse. A eternidade do amor permite preservar o temporal das conquistas, mas traz o eterno com a posse.

O amor enfrenta qualquer obstáculo, mas é diferente da paixão. O amor é consciente, ligado à reflexão. Supõe-se que o amor é baseado no conhecimento verdadeiro do outro e não em uma imagem que temos dele (como na paixão), o que permite que se enfrentem as dificuldades.

Em sua teoria sobre o amor, Kierkegaard mostra que o interior deve prevalecer sobre o exterior. E este amor, que ele tanto vai defender ao longo do livro *O Matrimônio*, é um amor superior, sublime, mas que não exclui o lado erótico. Assim, podemos dizer que a paixão seja o primeiro sentimento, imediato e que permite portanto, a escolha livre. Mas ela já possui em potência o amor, que é o sentimento que vai surgir com a reflexão. E é importante notar que apesar da paixão ser superficial num certo sentido, como já traz em si a possibilidade do amor, ela não é comparável a um sentimento que ele chama carnal, que é egoísta.

Portanto, o amor é imediato por já estar presente neste primeiro momento, mas é algo conquistado, pois o fato de existir em potência não garante que venha a realizar-se. E nem toda paixão evolui para amor, mas todo amor precisa do espontâneo da paixão como momento de livre escolha.

2.3 MATRIMÔNIO E AMOR

Kierkegaard afirma no início de *O Matrimônio* (1994, p.12), que pretende mostrar o valor estético do matrimônio e como conservar a união diante dos obstáculos da vida, dizendo logo que o amor é: “a mais bela das missões que foi proposta ao ser humano”. Esta é a primeira consideração a se fazer. Para ele, o amor é a grande realização humana. Convém deixar claro, inicialmente, que o amor é a substância fundamental, a primeira condição para o casamento. Dentro do matrimônio, o amor conserva o valor e a beleza do erótico. A sensualidade não é o pecado, pois a Igreja enaltece o matrimônio. Ela faz parte do amor e, conseqüentemente, do matrimônio. Sendo assim, é possível viver os conflitos diários, preservando a vida estética.

Kierkegaard destaca também a importância de se renovar o amor todo dia vivendo-o em ato e não o lembrando como algo do passado, podendo-se entender que ele considere importante manter a atenção no amor, pois os prazeres acabam, e um dia nada mais se poderá fazer do que recordá-los. E entendemos que Kierkegaard queira afirmar que é possível manter o encanto, determinando a importância das delicadezas, gentilezas.

O autor fala então do “casamento de razão”, no qual destaca dois tipos de melancolia: a egoísta, em que se sente horror à união para toda vida por pensar não se poder ter certeza com relação ao outro, que pode vir a mudar. E a simpática, que é nobre e dolorosa, pois constitui a insegurança com relação a si mesmo. Então procura-se viver o momento, cada dia e não alcança-se a consciência de eternidade característica da moralidade. Explicando melhor, o casamento de razão é baseado na reflexão. O amor é intermediário da razão pensante e do amor imediato. É o matrimônio fundado no cálculo, no interesse, no egoísmo, e Kierkegaard diz que é o desespero que conduz a essa união. A pessoa, após perder a ingenuidade da infância, passa a pensar o amor como uma ilusão e então quer só dinheiro, posição social. Este tipo de união parece moral por neutralizar o sensível, mas será que esta não é também igualmente contrária à ética? Ele afirma que não está presente nela o eterno pois a razão calcula sobre o temporal, e portanto, é uma união imoral e frágil. Esta união alcança beleza quando visa um motivo superior.

Paixão e matrimônio, segundo o autor, são compatíveis. E a paixão para se tornar histórica, ultrapassando o momento, precisa do matrimônio. Para ele, a substância

do matrimônio cristão é o amor. E tirando o amor, a vida de casado é, ou apetite sensual ou sociedade (de interesse). Ele vai colocar a questão: o amor precede ou segue ao matrimônio? E afirma que os pais tentam dizer que o amor vem da convivência e empurram os dois para viverem juntos argumentando que o amor virá com o tempo. Isto é um erro, pois o amor é o primeiro elemento, a Igreja não deve abençoar o casamento sem amor.

Quanto ao noivado, é um amor irreal nutrindo-se da possibilidade. Um momento ao qual se apegam aqueles que não têm coragem de se casar. E ele fala então do noivo que encontrou a mulher que possui as características que procurava, mas sofre a angústia pela benção, que é mais que uma cerimônia, o casamento impõe que eles tenham uma ligação eterna. Ele foge. E Kierkegaard vai lembrar que este poder do matrimônio não é imposto, mas escolhido.

O noivado traz a ética, fazendo sair do momento estético que é fugaz, belo e leve e conduz à dureza. Mas o noivado ainda não tem a realidade ética do casamento. E o noivo sabe disso, então rejeita o matrimônio por achar que seu amor é cheio de mistério e nem Deus pode conhecê-lo. Neste caso o amor está condenado à morte, pois nos prendemos à paixão através do matrimônio. Através do matrimônio, busca-se Deus para salvar a paixão desventurada. Ainda sobre o noivado, observamos que ele é o compromisso social, é o primeiro momento ético do amor. Envolve a escolha e o compromisso de ficar com a pessoa e satisfaz as exigências da sociedade.

2.3.1. OS MOTIVOS DO MATRIMÔNIO

O autor conclui que o matrimônio não conduz ao amor, mas pressupõe este. Mas não como passado, mantendo o amor no presente. O matrimônio traz a resignação e o momento ético e religioso, possuindo também o erótico. Segundo ele, o amor matrimonial é ‘coisa de alma’, é quando acontece a união do sensível e do espírito. E ele revela-se no se dar. Só aquele que é livre pode se dar e é na esfera religiosa em que podemos ser livres. Porém, o autor não deixa muito claro como se dá esta relação com Deus em casal, pois quando mostra a relação do indivíduo com Deus, define como um estágio de profunda solidão. E é no se afastar de desejos temporais (estético) e de normas sociais (ético) que se pode ser o que é e ser livre. Mas como isso acontece a dois? Talvez possamos identificar uma religiosidade intermediária, assim como já dissemos que existem níveis dentro de um mesmo modo de vida, o mesmo ocorre no religioso. O modo mais elevado é o da solidão efetiva, interna e externa que reivindica um afastamento dos outros. Não é um isolamento físico, mas um conviver não tão inteiro para que se preserve a interioridade. Esta é uma resposta que poderíamos dar a tal questão identificando então um modo religioso dentro do casamento, a dois, em que não se chega ainda ao máximo de interioridade que necessita certo isolamento, mas o suficiente para que haja o encontro com o divino e o amor se eternize.

A resolução da resignação é também um elemento muito importante. Pensa-se no que se ganha e não no que se perde. Decide-se pela união com o outro vendo a plenitude que se conquista no amor. O autor passa então a analisar alguns motivos para o matrimônio, e diz que quanto menor o porquê melhor, pois o porquê se contrapõe ao amor (é inverso). Um motivo seria então, casar-se para afirmar o caráter. Este tipo de união é quando se pensa que o matrimônio educa o caráter. Ele é antiestético e irreligioso, pois nega o sentimento. É, por exemplo, o caso das mulheres que procuram o casamento como salvação de sua decência e dignidade.

Outro motivo criticado pelo autor, é o casamento para ter filhos. Acontece quando a pessoa apenas quer obedecer ao “crescei e multiplicai-vos” de Deus. São características desta união, filhos como herdeiros, perpetuando a família, ficando com bens. E este pensamento é bom e bonito, mas não tem nada a ver com o matrimônio. O casamento não deve ter só esta razão, pois careceria de moralidade e estética. Segundo ele, filhos são bênçãos, através do amor que nos retornam e pelo aprendizado que

trazem. São espontâneos e verdadeiros mestres e no ato de educá-los se pode reviver e compreender a própria vida. Não podem ser vistos de forma tão desumana, como se não fossem fins em si mesmos e indivíduos dotados de espiritualidade.

Um outro ‘porquê’ seria o casamento para escapar à solidão. É o casar para ter um lar. Ocorre quando se pensa na velhice e na solidão decorrente dela. Casa-se para ter uma “criada de confiança”. E este é o casamento escolhido por homens mais velhos. A idéia de ter um lar não é egoísta, mas casar para não ficar sozinho ou para ter alguém que cuide se suas coisas não é correto, pois também são segundos interesses que não puramente o amor.

O solteiro também não contribui com a evolução, pois ele é escravo dos próprios caprichos, faz o que quer, opta pela liberdade. Mas não se pode ter tudo e por isso acaba sozinho. O defeito de todos estes exemplos é “fazer de um momento particular da união o motivo da união.”⁶⁹. E ainda, não se deve casar por necessidade, o indivíduo deve ser independente antes de se unir a outra pessoa; depois de certa idade, deveríamos nos conhecer e nos cuidar a nós mesmos, segundo o pensamento do autor.

Quem vive uma união baseada em outros motivos que não o amor, não encontrou ninguém a quem quisesse pertencer totalmente. Pode-se comentar sobre isso, uma vez que notamos que as pessoas não conseguem conviver consigo mesmas e encontram nas relações um modo de se esconder, achando que se unindo a um outro ser será “menos eu” e “mais ele” ou “mais eu e ele”. As pessoas sentem-se sozinhas e procuram acabar com esta solidão erradamente, pois enquanto não se conhecem, não podem escolher o outro certo para estar consigo. Não sabem o que podem dar e o que querem receber, não estando preparadas ainda para a troca que é o amor. Só quem é feliz sozinho, pode sê-lo com o outro, pois o outro não pode ser a solução dos nossos problemas.

⁶⁹ KIERKEGAARD, S.1994, p.73.

2.3.2. CASAMENTO E CONVIVÊNCIA

O casamento deve ter o amor como único motivo. É um erro casar por paixão ou por interesse. Pode-se também estar apaixonado e ver atrativos no matrimônio, como ter filhos, não ficar só, mas nenhum destes deve ser o primeiro elemento da união. Da mesma forma, Kierkegaard rejeita a idéia de que se espere o amor com a convivência. Não que não se ame depois de conviver, mas a simples convivência não é garantia do amor e não se deve dar este “salto no escuro”. A benção do matrimônio só deve ser recebida quando o amor já existe, quando um já pôde conhecer o outro superando o encantamento ilusório da paixão.

Qualquer outro motivo que não o amor, é contrário ao matrimônio. Deve-se, antes de pertencer à outra pessoa, ter segurança de si mesmo, conhecer-se e ser independente, não precisando do outro. Aquele que vive bem sozinho, viverá bem com outra pessoa e, segundo Kierkegaard, quanto mais livre o indivíduo, mais beleza estética possui o matrimônio. Pode-se entender que o casamento deve ser a união de dois indivíduos independentes e portanto, o único motivo para a união de duas pessoas deve ser o amor.

O amor, para o autor, não pode ter motivos “finitos”, ligados à vida temporal, material, pois ele deve ter ligação com o imortal, com a alma. E quanto ao conhecimento entre o casal, ele diz que se deve revelar aos poucos, mas não totalmente, tendo-se pudor e nunca considerando o cônjuge conquistado. Deve-se estar conquistando sempre. Mas ele afirma depois que o amor começa quando o mistério acaba, pois o amor conjugal se move para “dentro”. A conquista deve ser diária e o pudor deve estar presente, são condições de respeito e cuidado com o outro. Existem muitas dificuldades a que a vida conjugal está exposta, e são as gentilezas com o outro, a constante conquista que permitem superá-las.

Os problemas externos não devem afetar o casal, pois através do amor é possível interiorizá-los já que o amor está ligado à alma, ao imperecível e por isso não pode ser afetado pelo que é material e, portanto, inferior.

Pode-se aceitar que o matrimônio deva buscar o equilíbrio entre o mostrar-se e o mistério. O outro deve nos conhecer, mas não invadir nossa individualidade. Quanto à vida conjugal, deve ter presente a sinceridade, mas respeitando a individualidade. Ou seja, as duas partes formam um todo, mas continuam podendo ser reconhecidas.

Também parece indispensável que se deva conquistar sempre, pois se observa que muitas pessoas mostram-se displicentes com relação ao amor. Conquistam pela primeira vez e esquecem de manter esta conquista, muitas vezes até fazendo o contrário, permitindo situações que vão contra o amor, desgastando-o.

O autor define também que o amor matrimonial é único e em toda sua teoria, determina regras bem claras que definem o amor e o casamento como acontecimento único.

Quanto à traição, Kierkegaard diz que é mentir, enganar, esconder. Ser fiel ao casamento é ser verdadeiro, é mostrar ao outro quem se é. Fidelidade não se refere apenas ao não estar com outra pessoa que não seja seu cônjuge, mas à falta de sinceridade. Traição é não se deixar conhecer, não se mostrar. É importante destacar, com relação à fidelidade, que ela é natural no estado de paixão. Quer dizer, só se têm “olhos para aquela pessoa”. A paixão é arrebatadora, toma conta de sentimentos e pensamentos. Mas a fidelidade do amor é escolhida, e talvez por isso muitas pessoas não queiram casar, por não se considerarem aptas a se comprometer com isso. Nem todas as pessoas querem ou podem fazer a escolha pela fidelidade e este é um problema interno e não de satisfação com os outros. Kierkegaard trata sim de uma opção pessoal, determinada por uma disposição íntima e individual. Uma vez que o modo de vida ético é o da relação com os outros, obviamente pelo fato do casamento ser também um compromisso social, o julgamento dos outros sobre o que se faz é inevitável. Mas o filósofo não defende que tenhamos que viver em função deles.

Kierkegaard diz que as dificuldades exteriores e interiores existem e o valor está em superá-las. As questões exteriores, segundo ele, referem-se a problemas finitos, aflições, contrariedades. Diz ele que a força interior produz a força exterior. Assim, deve-se interiorizar os problemas exteriores. Ou seja, pode-se entender que o condutor do relacionamento é o interior, sendo tudo resolvido a partir dele, e que o matrimônio está exposto às dificuldades da vida, devendo-se, então, lembrar o amor nos momentos difíceis. O autor quer mostrar que sendo o amor a base do casamento, é nele que se deve apoiar para resolver qualquer dificuldade.

2.3.3. CASAMENTO, TEMPO E ETERNIDADE

Outra questão que Kierkegaard trata é da rotina. Em meio à rotina, não se deve abandonar gentilezas e surpresas, mas também não se deve viver por elas. O tempo de descobertas é considerado muito agradável e costuma-se valorizá-lo. E dizer que o primeiro beijo é o melhor, seria ofender os outros e estar condicionando-o ao tempo. É por repudiar a rotina do casamento que se faz isso.

O costume é algo negativo e ele diz não estar presente no amor, pois está ligado à falta de liberdade. A relação amorosa preserva a individualidade e a liberdade de cada um. O casal é um só, mas preserva seu caráter de indivíduo e isso permite que não se caia na “rotina”. Segundo ele, a vida de casado deve estar organizada, mas aberta às variações para que não se canse por tudo ser sempre igual.

Deve-se precisar mais do que isso para manter uma relação. Kierkegaard deveria ter discorrido mais sobre a amizade e companheirismo dentro do casamento, porque observamos que os casais mais felizes em uma união duradoura, constroem um elo de amizade muito forte que permite superar o fato da paixão acabar e com ela todo o encanto do início da relação. Ele afirma que aqueles que precisam de distrações e barulho temendo o costume, são escravos das coisas, não sendo donos de si mesmos. Quer dizer, o casamento não deve depender das variações.

Kierkegaard afirma ainda, que o amor possui uma eternidade espontânea, que não é pretendida, o que não se pode entender muito bem já que, se o amor depende da escolha, a eternidade que traz consigo deveria depender também. Diz também, que o amor faz história e a história é feita de tempo, e que o amor conjugal precisa ser histórico. Já a paixão, não faz história, a paixão é momento. Por tudo já explicado aqui, ela não possui a capacidade que o amor tem de manter-se: “Junto ao marido, a mulher vive no tempo, pertence ao tempo, e o marido também.”⁷⁰.

Mas o amor conjugal inclui a paixão. A paixão continua existindo dentro do casamento, embora com relação a isso o autor não se explica muito bem: como a paixão, que é algo fugaz e incerto, pode se manter? Como um momento ilusório pode existir depois de vir à tona a verdade? Podemos supor que a paixão seja mantida, mas não exatamente como era: ilusória, fugaz e incerta. Ela se transforma, a paixão primeira passa a ser mantida na lembrança e continua servindo para alimentar a atual paixão. É

⁷⁰ KIERKEGAARD, S. 1996b, p.131.

prazeroso para o casal lembrar dos primeiros momentos, do que faziam juntos, como se conheceram, como eram fisicamente e assim por diante, reconhecendo traços daquele passado na pessoa, mas vivendo uma nova paixão, desta vez inserida em um conhecimento do outro e ligada ao sentimento permanente do amor.

As características do amor conjugal seriam:

Atributos que corresponde aplicar ao amor conjugal: é fiel, constante, humilde, paciente, longânimo, indulgente, sincero, modesto, vigilante, fervoroso, dócil, alegre, virtudes essas que são propriamente disposições do foro interior. O indivíduo não luta contra inimigos de fora: vence-se a si mesmo.⁷¹

O que determina claramente sua ligação ao interior e também a segurança que requer de si mesmo. Como o indivíduo entrega de si mesmo ao outro, permite ser trabalhado o seu interior. O significado desta afirmação é que dividindo nosso eu com o outro, precisamos ser melhores. O autor afirma ainda que em geral os homens se dividem em posições errôneas, vivendo de esperança e de recordações. Não vivem no presente. E o amor que é para ser vivido, apesar de sua ligação com o divino, é o amor de cada dia.

⁷¹ KIERKEGAARD, S. 1994, p.128.

2.3.4. ENTRE O DEVER E A INTIMIDADE

Em *O Matrimônio*, o autor observa que em geral as pessoas não querem uma união que obrigue a ficar nela mesmo sem vontade. No amor conjugal está presente o dever, de que Kierkegaard trata no capítulo V do referido livro, em *Por que o dever não é inimigo do amor*. O dever conjugal segundo ele, não é perturbador, ele faz parte do ético e do religioso e é natural. O autor nos diz que o dever é amigo e não inimigo do amor, que sem o dever, o amor estaria solto à sorte. Já o amor não é dependente do dever, devendo existir mesmo sem ele. E se o amor existe, o dever não é nada. Ou seja, sendo o amor a primeira condição para o matrimônio, o dever não o afeta em nada. Ainda acrescenta que quem ama quer amor eterno e que o dever e o amor não são a mesma coisa.

Podemos explicar melhor, afirmando que o dever é um complemento para o amor, como algo que serve para “cobrar” o respeito pelo compromisso assumido. O dever faz, por exemplo, com que o indivíduo mantenha-se firme no relacionamento diante de problemas complicados e tenha um estímulo a mais além do amor. O dever não pode incomodar a quem ama porque quando se ama deseja-se ficar junto sempre. Mas dever e amor são muito distintos e caracteristicamente em nada se assemelham.

Kierkegaard afirma que cada um deve se vigiar e cobrar-se a si mesmo, não esperar isso da Igreja ou do Estado. É uma responsabilidade assumida por cada um. Deste modo o dever é por um lado natural, e por outro escolhido. Talvez possamos entender que recorremos ao ético, porque as tentações existem. A decisão consciente, racional, é o que garante não se fraquejar diante da tarefa de ficar com o amor e não ir atrás de alguma nova paixão. Mas é possível não se apaixonar por outra pessoa enquanto se ama? É possível se fechar? Desta questão o autor não trata. Podemos arriscar responder, pela sua argumentação, que parece defender uma elevação tal do sentimento que não possa haver espaço para se apaixonar por outra pessoa. Ele inclusive afirma que só se ama uma vez na vida, o que reafirma o que dissemos.

Mas parece que, como esta elevação do sentimento só acontece no modo de vida religioso, enquanto se está em outro modo de vida, mesmo no ético, do compromisso, não existe a segurança total do sentimento não ser abalado por um novo encantamento. E aqui devemos então falar sobre o entendimento no matrimônio, aspecto fundamental no que diz respeito a esta questão. Kierkegaard afirma que a sinceridade e a franqueza

são princípios vitais do matrimônio, pois são os elementos que unem o sensível e o espiritual e trazem beleza ao casamento. Mas o matrimônio possui traidores e não são os que se separam ou os sedutores. O traidor do matrimônio é aquele que se rebela em pensamento, separa-se em pensamento. Estão juntos, mas separados.

O mais importante no matrimônio é o bom entendimento. E prestando atenção no cotidiano, vemos como as pessoas têm dificuldade de lidar com a verdade. É difícil assumir a verdade de nosso eu, muito mais dividi-la com o outro! Mostrar nossas fraquezas é uma tarefa um tanto complicada, pois nos deixa vulneráveis.

Ele destaca a honestidade que deve existir dentro do matrimônio, a sinceridade, a verdade. Para isto deve haver uma boa comunicação para que aconteça a compreensão. Pois o casal só pode viver bem se houver compreensão entre eles. Pode-se entender com isso, que não se trata de dizer tudo. Não significa compartilhar inutilidades, mas aquilo realmente importante da alma de cada um deve ser compartilhado. Como se no casamento os dois tivessem que se tornar uma só alma, dado o nível de entendimento entre eles.

Parece mais razoável o casamento baseado numa amizade, que se revela no bom entendimento, do que a idéia de que se possa ser apaixonado sempre. A observação comum mostra que a paixão acaba e só resta a lembrança dela. Não parece então ser possível ficar apaixonado por alguém a vida inteira, até porque paixão é momento, e como o próprio autor mostrou, é baseada na ilusão. E depois de um período conhecendo a pessoa, como manter essa ilusão? Contudo, se nos lembrarmos da caracterização da paixão, podemos ver nela uma permanência, já que para ter moralidade precisa se considerar eterna. Mas a eternidade pode estar no compromisso inicial de fidelidade, não no compromisso de manter a paixão inalterada.

Os que não conseguem casar são os que não dão conta de sua vida individual, pois, de acordo com Kierkegaard, aquele que tem segredos não deve casar. E é preciso ter consciência individual para vir a ter consciência conjugal; conhecer-se para conhecer o outro; amar-se para amar o outro; assumir-se para assumir um compromisso com o outro. Logo, a relação saudável, verdadeira e permanente com o outro tem como pressuposto a relação saudável e verdadeira consigo mesmo. É a segurança como indivíduo que garante a segurança da relação com o outro.

Kierkegaard vai questionar então se o amor deve ser “íntimo”. E quanto a isso, ele diz que não há nada demais em participar o amor aos outros, em casar-se diante de

todos, assumindo o compromisso publicamente. Mas afastar-se da curiosidade de outrem, é necessário. Só que não se deve esconder-se, pois isto atrai mais ainda os curiosos, as pessoas gostam de se meter e deve-se cuidar com a exposição. Entendemos que ele queira dizer que é preciso conservar o segredo, mas deve-se tornar público o compromisso. Nem vida às claras, nem às ocultas. E cada família possui um caráter próprio, oculto aos outros. Sendo assim, aquilo que é dividido com os outros não é a relação em si, mas sim o compromisso, pois o casamento tem de possuir o estágio ético que é o social. Ressaltando o mais importante: “no matrimônio, o essencial é o interior.”⁷².

Finalmente, como critério primordial, Kierkegaard afirma que a base do matrimônio é o interior e com isso, determina a pouca importância de assuntos menores, questões da vida material. Assim, a vida material não pode afetar o casamento que se fortalece no espiritual. Dada a condição de que o espiritual é o imperecível, sobre o qual deve se apoiar o perecível, a alma é o que realmente importa no amor. Sendo o amor conjugal, algo para sempre, deve-se fundar na alma, portanto.

⁷² KIERKEGAARD, S. 1994, p.138.

2.4. HUMOR

O ético tem consciência do erro de não estar ligado à sua existência e da sua responsabilidade por isso. Para deixar de ser “pecador”, precisa de vontade interior, que é o arrependimento que constitui o último momento da esfera ética, quando é possível o salto para o modo de vida religioso.

O humor é intermediário entre o ético e o religioso. A diferença do humor para a ironia, é que nele se toma consciência de seu nada, o que implica uma revisão de valores. O humor está diante da desproporção na relação entre o homem e Deus, de que neste estágio intermediário, o homem se dá conta. Quando se compreende que a fé traz a solução, o sujeito está pronto para o modo religioso. Quer dizer, o indivíduo percebe o engano em que vive no modo de vida ético e vive o estado de humor que caracteriza a consciência de seu erro, o conhecimento de uma necessidade de evoluir para o modo de vida posterior (mas ainda não feita a escolha por ela, daí entra o humor).

Chama-se humor a esse meio termo, pois existe em seu estado um certo prazer por perceber o engano em que vivia. Percebe que era incapaz de ver isto antes e dá o primeiro passo para a evolução, pois antes de escolher é necessário um momento para considerar e pesar o que se tem e o que se pretende ter. É como se fosse uma posição de dúvida. Não se pode deixar um modo de vida por outro sem comparações e estas são feitas no estágio intermediário do humor. O humor é um rir de si mesmo, rir de sua condição finita diante da infinitude do absoluto, Deus. É um estado de prazer e aceitação da realidade da existência humana. É o último estágio antes da fé, que é a resignação infinita, onde se tem consciência do valor interno de si mesmo.

Lembremos que os estágios de humor e de ironia são intermediários entre os modos de vida estético e ético e ético e religioso respectivamente. Mas isto não deve nos levar à idéia de que sempre são vencidas etapas ao longo da vida e que os “modos” de vida ocorrem sucessivamente.

3. MODO DE VIDA RELIGIOSO

O modo religioso existe dentro de uma consciência de fé. Quem vive neste estágio prefere a fé ao prazer estético e aos mandamentos da razão. É um salto do finito ao infinito. Neste estágio, o homem está sozinho com Deus e pode sair do desespero, pois o homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese e na esfera religiosa o eu pode se encontrar, o que não se pode fazer senão contatando Deus. Sendo assim, a única forma de sair do desespero é pela fé. É mergulhando em si mesmo que o indivíduo encontra o poder que o criou e portanto, este modo de vida é de profunda interioridade. Para Kierkegaard, o modo religioso é o último e mais importante salto para o indivíduo interpretar-se e encontrar o sentido de sua existência.

Antes de entrar neste modo de vida, o “eu” tenta se libertar de si, mas seu autor (Deus) o obriga a continuar sendo o “eu” que é, e por isso ele se desespera. Como vemos na seguinte passagem:

[...], o que ele quer, portanto, é separar o seu eu do seu Autor. Entretanto aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o a ser o eu que ele não quer ser. Todavia o homem deseja sempre libertar-se do seu eu, do eu que é, para se tornar um eu da sua própria invenção.⁷³

Porém, não ter consciência do desespero também é uma forma de desespero, e, portanto, o esteta e o ético, por mais que pensem ser felizes, não o são, pois ainda fogem de si mesmos. Antes de estabelecer uma relação com Deus, sentem-se frustrados e sem a fé não conseguem resistir à reflexão sobre o nada diante do qual estão. E não se pode fugir do eu, cada um é o que é e não pode deixar de ser ele mesmo. Pode refugiar-se no personagem fingindo pensar e sentir como ele, mas interiormente é o que é e não há como fugir disso: “Ser este “eu” que ele quer faria a sua delícia – se bem que em outro sentido o seu caso não seria menos desesperado – mas o constrangimento de ser este eu que não quer ser, é o seu suplício. Pois não pode libertar-se de si mesmo.”⁷⁴

O homem, como possuidor de espírito infinito, sem a relação com Deus, leva uma vida temporal e, por isso, não é ele mesmo, pois não está satisfazendo seu “eu”

⁷³ KIERKEGAARD, S. 2002a, p.25.

⁷⁴ Idem, p.25.

espiritual. Não pode ser feliz e se realizar, pois esquece uma parte de seu eu sem a qual sequer pode viver a outra parte. Como a Deus tudo é possível, é em Deus que se encontra conforto.

Mas os homens preferem permanecer na ignorância e, por isso, dizem-se felizes nos outros modos de vida, quando de fato não o são. Eles acreditam viver um excesso de felicidade, mas vivem o imediato, que é frágil. O desespero está em perder a eternidade e dessa perda não diz ele uma palavra, nem em sonhos a suspeita. O indivíduo nos modos de vida estético e ético, não sabe o que aconteceu com ele, não entende a própria vida e vê como desespero o que não é desespero: “Em vez de salvar tua alma, entregando-te a Deus em cada coisa, em vez de tomar este atalho, te comprazes em desvios sem fim que te conduzirão a parte alguma”⁷⁵. Quando o homem percebe-se fraco e imperfeito, precisa do modo religioso, pois o ético não traz solução para isso. O religioso permite a ele encontrar o perfeito: “Um espírito religioso desenvolvido tem o hábito de dirigi-lo todo a Deus, de penetrar e fecundar com esse pensamento toda a circunstância finita, a qual, assim, enobrece e santifica”⁷⁶.

Também os modos ético e religioso nem sempre podem ser fundidos, pois nem todos podem casar-se (ético) e assumir uma posição social. Alguns não conseguem se relacionar com os outros, buscando apenas a relação com Deus. Kierkegaard parece dizer aqui, que os que optam pelo ético podem acrescentar a ele o religioso, mas o contrário não se pode, pois, no casamento ele afirma unirem-se os dois modos de vida. Há um salto do ético para o religioso, pois o religioso respeita a moral, mas seus preceitos não representam tudo para ele. Deus é alheio ao que é mundano. Cada um possui seu mistério, seu segredo e esse segredo não cabe no ético, no social.

Analisando o caso de Abraão, que Kierkegaard usa como exemplo em *Temor e Tremor*, afirma que no domínio ético Abraão é um assassino; mas do ponto de vista religioso, foi fiel a Deus. No moral, quis matar Isaac; no religioso, sacrificá-lo. Abraão é um exemplo de solidão e abandono, voltado unicamente para a vivência da fé. Sacrificar o filho é algo absurdo e desumano na ética dos homens. E ele se coloca diante do incompreensível, do infinito, onde tudo está suspenso, exceto a relação com Deus. A fé faz com que salte da razão e da ética para o absoluto, onde o entendimento é cego. O salto é ausência de mediação humana, pois não pode haver transição racional entre o finito e o infinito.

⁷⁵ KIERKEGAARD, S. 1994, p.16.

⁷⁶ Idem, p.42.

Abraão, o cavaleiro da fé, não teria sido exemplo de entrega ao absoluto se em algum momento tivesse questionado o pedido de Deus. Seu modo de vida religioso revela-se na sua confiança total no desígnio divino e o silêncio em que o aceita. O silêncio é parte fundamental do modo de vida religioso, pois é a maior demonstração de solidão, característica deste modo. A solidão está intimamente ligada ao silêncio, pois não se pode falar e compartilhar quando se está realmente sozinho. A compreensão dos atos de um solitário é desnecessária e impossível e se não o fosse, não haveria autêntica solidão. Lendo a história de Abraão, observa-se o total silêncio que nos impede de até mesmo poder compreender seu conflito interno. São feitas tentativas racionais de compreensão, análises dos atos do personagem que nos levam a um reconhecimento de que seja o cavaleiro da fé, mas não há observação propriamente sua ou alguma pergunta a Deus, ou qualquer manifestação do que está passando que nos permita compartilhar do seu sentimento com exatidão. A fé é um paradoxo, sendo expressão de egoísmo e do mais completo abandono (amor de Deus) e do amor a si mesmo. A fé suprime o raciocínio, sem suprimir a razão pois sem razão não seria um ato humano. E portanto, não é um paradoxo absurdo, por manter a razão.

O homem religioso sabe que, neste nível, a moral é ultrapassada, pois só existem deveres com Deus, o que Kierkegaard chama de suspensão teleológica da moral. E neste ínterim põe em risco sua relação com os demais homens. Sendo assim, o estágio religioso é o domínio da solidão, e esta solidão faz com que não se possa confirmar se acertou ou não em confiar em Deus. É uma condição de “temor e tremor”. O exemplo de Jó, que acaba perdendo tudo em nome de Deus, é para pensar se a fé é escolha correta, que mesmo a fé traz dúvida, pois é escolha.

Aqui cabe destacar que no reconhecer a insegurança e incerteza da relação com Deus, Kierkegaard abre espaço para se identificar a fragilidade do modo religioso. Mesmo que consideremos que o homem de fé sente-se menos angustiado, comportamento facilmente observado naqueles que têm fé, e que então tenhamos a mesma conclusão, que a fé é remédio para o desespero, devemos observar por outro lado que, em primeiro lugar, não é certo que os crentes sintam-se seguros sempre em sua fé, visto que chegam mesmo a duvidar muitas vezes; e, em segundo lugar, não podem se sentir plenamente confortáveis e seguros sempre, numa relação em que o outro é alguém que não responde e que sequer podem investigar se existe ou não.

Devemos também observar que a forma de se viver o modo de vida religioso é

variável no sentido de que, no casamento, estrutura-se de forma diferente, pois preserva os outros modos de vida. Apesar do salto e abandono do ético, no casamento o modo religioso não elimina o estético porque não pode deixar de ser corporal e portanto, sensível e nem o ético por desejar o bem do outro. Mas o estético e o ético são transformados pelo religioso dentro do matrimônio, atingindo uma modalidade superior (o que o autor chama de concentricidade).

Mesmo que a vida religiosa exija uma vivência integral da fé por uma conversão total, como esta raramente se dá de forma repentina, não existe propriamente um desprezo pelos outros modos de vida. Existem graus na religiosidade e por isso, compatibilidade com os outros modos de vida. Até mesmo o salto da fé de Abraão não foi súbito e radical, mas um processo, já que era um homem de fé, construindo uma ligação cada vez mais forte com o divino, que chega ao seu ápice no sacrifício de seu filho Isaac. E tal sacrifício somente foi possível porque já havia um longo caminho de fé anterior a este momento e que garantia confiança absoluta nos desígnios divinos.

Concluindo então: “Essa esfera mais alta é a da religião, na qual terminam a reflexão e a razão e assim como nada é impossível a Deus, tampouco nada é impossível ao indivíduo religioso”⁷⁷. Tudo é possível no modo de vida religioso, onde a racionalidade comum está suspensa.

⁷⁷ Ibidem, p.29.

3.1. A LIBERDADE

Para Kierkegaard, nos modos de vida ético e estético, o indivíduo vive aprisionado em máscaras que construiu para fugir de si mesmo. A verdade, a consciência de si e conseqüente realização da alma, constituem a liberdade. Logo: “É na esfera do religioso onde os indivíduos conseguem ser livres [...]”⁷⁸. Não se trata aqui de uma liberdade de fazer o que se quer, de um descompromisso, mas uma *liberdade de ser* que libera o indivíduo para que seja ele mesmo.

Na esfera estética, a roupagem de sedutor, que a pessoa usa para esconder-se dos outros e de si mesma, constitui a prisão mais rudimentar existente, porque é conduzida por instintos e faz mal aos outros, ainda que não queira: “exerces uma influência funesta sobre as pessoas”⁷⁹. O indivíduo vive num ciclo de onde não consegue escapar, como se ficasse viciado em conquistas e no prazer de seduzir, e acaba escravo de seus prazeres e de sua insaciabilidade. Como modo de vida ligado diretamente ao perecível, corporal, não existe permanência naquilo que conquista, porque se cansa do conquistado já que este não possui para ele nada de “superior”. Então se cansa do que é perecível e por não contactar o imperecível de si mesmo e do outro, parte para nova conquista, ficando prisioneiro das novidades. Não se satisfazendo verdadeiramente, é prisioneiro do prazer de conquistar. Também em suas conquistas não pode se libertar do personagem que criou, pois foi com ele que conquistou o outro, que, se perceber algo de sua verdade, se desinteressará.

No modo de vida ético, ainda que já haja um amor ao outro que considera as necessidades deste e por isso não faz o mal causado pelo esteta, porque respeita-se a liberdade do outro, também há uma fuga em um personagem. O homem ético representa o papel social que esperam dele, cedendo ao geral e portanto, deixando sua individualidade de lado. Deste modo, o indivíduo assume o personagem de homem correto perante as leis, deixando de lado seu interior. A racionalidade presente neste modo de vida, já o torna superior ao estético mas nada faz no sentido de “libertar” o indivíduo, ao contrário, aprisiona-o nas regras sociais e o faz esconder de si mesmo e dos outros sua interioridade.

A liberdade só será conquistada no modo de vida religioso onde o indivíduo não é mais escravo de seus instintos e desejos, nem da exigência social. O social não

⁷⁸ KIERKEGAARD, S. 1994, p.60.

⁷⁹ Idem, p.15.

permite a introspecção. A teoria de Kierkegaard é absolutamente concentrada no indivíduo, valorizando a introspecção que é característica fundamental de ser único.

Como o que é eterno, e por isso o que há de mais importante no homem, é a alma, a liberdade consiste em conhecer-se, após profunda interioridade e encontro com Deus. Só é possível ser livre quando o indivíduo conhece sua “verdade” e transcende o mundo de aparências e materialidade.

3.2. A SOLIDÃO

Juntamente com a questão da liberdade, devemos discutir a da solidão. Ora, em toda a teoria de Kierkegaard existe uma ênfase na interiorização que só é possível através da relação com Deus e que conduz à liberdade. Para o autor, somente se é livre na esfera religiosa que portanto, é garantia de vida plena e feliz, realizada. Somente interiorizando-se o eu vive a “sua verdade” e é livre para ser ele mesmo, enfim, é livre no sentido da palavra. E isto ocorre em profunda solidão.

O indivíduo nasce só, com suas características particulares, necessidades, personalidade e um projeto de vida somente seu (é a idéia religiosa de ter sido criado por Deus). Vive só, porque sua vida interior não pode ser compartilhada e portanto, parece não estar sozinho quando em sociedade, mas na realidade, nela ninguém o entende ou é igual a ele e muito menos compartilha seus pensamentos e sentimentos, seu eu. E finalmente morre só, levando consigo o que realizou espiritualmente e por fim relacionando-se com Deus de forma completa.

O ser humano é sozinho por natureza, pois o que há de verdadeiro nele não pode ser mostrado aos outros. E não se pode fugir disso. Tal definição é clara na teoria do autor quando ele determina como única maneira de ser feliz a profunda interiorização religiosa, que nos afasta por completo dos outros. E deste modo, poderíamos caracterizar essencialmente o ser humano como só, sendo a solidão característica fundamental, à frente de tantas outras até mesmo do desespero ou da angústia.

Ora, o ser humano desespera-se porque é só, porque é livre, porque não compartilha destino com ninguém. Se houvesse uma forma de viver “junto” no sentido de se sentir igual e acompanhado nos seus sofrimentos, angústias, na sua “vida interior”, não haveria desespero e Kierkegaard não determinaria o modo religioso como o único capaz de trazer alento e felicidade à existência humana, mas sim o modo de vida ético, onde o indivíduo refugia-se no grupo.

A solidão é inerente ao ser humano, que mesmo relacionando-se intimamente e verdadeiramente com alguém, está sozinho sempre. A solidão é algo interno, que não pode ser exteriorizado. Mesmo numa relação de amor verdadeiro e grande intimidade, e por conseguinte compartilhando sentimentos e pensamentos, a solidão continua existindo. Não se deixa de ser só, porque alguém nos entende ou nos ama. E talvez esta seja a angústia permanente do ser humano, a de sentir-se só. Por isso mesmo

Kierkegaard define a relação com Deus como um remédio para a natureza humana. Ou seja, o indivíduo, ao relacionar-se com Deus, tem uma sensação de não estar sozinho. Ora, a idéia de Deus nada mais é do que a de um ser que tudo sabe, que tudo vê e deste modo, somente ele, além de nós mesmos, pode nos conhecer e nos fazer menos sozinhos, porque possui uma ligação transcendental conosco, algo que ultrapassa todos os limites da vida física. Neste sentido, podemos aceitar que o modo religioso possa ser o único a trazer alívio à condição humana. Porém aqui, voltamos à discussão da fé, de saber até que ponto esta relação é segura e de total confiança, de saber se a fé é inabalável. Aliás, existe fé inabalável? Para haver este alívio da angústia humana através da fé, esta deveria ser totalmente segura, livre de qualquer dúvida. E como já discutimos, parece difícil haver fé sem dúvida, sem momentos de revolta, e portanto, fica complicado definir uma realização plena do eu no modo de vida religioso.

Falta-nos falar de algo intimamente ligado à solidão e à relação com Deus, que é a consciência. Embora não apareça constantemente o termo consciência nos escritos de Kierkegaard, uma vez só que apareça basta-nos para perceber a importância de tal característica humana. Diz ele:

Oh! Sem dúvida que estaríamos garantidos, se apenas na eternidade nos tornássemos indivíduos. Todavia, indivíduos éramos e perante Deus o continuamos a ser sempre, e até o homem metido num armário de vidro está mais à vontade do que, perante Deus, cada um de nós na sua transparência. Isso é consciência. É ela que dispõe tudo de tal modo que um relatório imediato segue cada uma das nossas faltas, e é o próprio culpado quem o redige.⁸⁰

O autor define a impossibilidade de ser feliz nos modos de vida estético e ético, justamente por causa da “consciência”. Nossa consciência nos obriga a sermos o que somos e sentir remorso por não sermos verdadeiros conosco e com os outros. É a consciência o que leva o ser humano ao modo de vida religioso, pois somente lá ela pode se assumir como tal. Por mais que se queira fugir do que se é, representando personagens em uma vida estética ou ética, a consciência não pode ser eliminada e nos remete ao que realmente somos. A consciência é como um olhar do eu constantemente nos observando e apontando onde erramos, lembrando nossas intenções nos atos que praticamos, mostrando quando somos verdadeiros e quando não somos. E a consciência faz parte da solidão de cada indivíduo, é algo somente dele.

⁸⁰ KIERKEGAARD, S. 2002a, p.112.

Obviamente, o que causa angústia no ser não é a consciência, quer dizer, ela é apenas um instrumento, o que causa a angústia como já tratamos, é a liberdade de escolher sua vida. Mas é através da consciência que o ser percebe a condição em que vive e se angustia. Porém, a consciência possui níveis. Ela vai se aprofundando até chegar ao modo de vida religioso. Neste sentido, dizemos que no modo de vida estético não existe “consciência”, mas no sentido do indivíduo não assumir seu eu, não perceber que o seu modo de viver só piora seu desespero. Pois a consciência no pleno sentido do termo, é inerente ao ser humano e salvo em situações de doença em que se questione a presença ou não de consciência, todos a possuímos. E assim, os modos de vida ético e estético estão fadados a mais este sofrimento, a consciência que os obriga a saber, ainda que sem identificar, que algo está errado.

3.3. O AMOR NOS ESTÁGIOS ÉTICO, ESTÉTICO E RELIGIOSO

Segundo Kierkegaard, a esfera mais alta é a da religião, à qual nada é impossível. E o amor nesta esfera, recupera o infinito, pois sem fé cada instante se esgota em si mesmo. A fé traz o eterno, o duradouro. E ele diz que não é necessário romper com a natureza humana para ser religioso.

Quanto à estética, Kierkegaard diz que está no conquistado. O belo está no superar a dúvida e a estética é a garantia da felicidade no matrimônio. Pois a arte está na posse e não na conquista, quem conquista, não tem verdadeiramente: “A posse é uma conquista que venceu todos os obstáculos.”⁸¹. A religiosidade é que traz a posse duradoura que é uma constante conquista. O possuir é superior à conquista, visto que neste estado o indivíduo se esquece de si, enquanto que naquele se lembra. Pois para ter a posse, é necessário ser verdadeiro com o outro e antes, como já explicamos, consigo mesmo. Deste modo, na conquista que acontece através do personagem criado para seduzir, o eu é esquecido, deixado de lado. Na “posse” se está de verdade com o outro e portanto, se é verdadeiro com ele e o eu é lembrado. Devemos aqui explicitar o termo “posse” que não significa ser dono do outro, pois como já explicamos anteriormente, no amor a liberdade é respeitada. Não significa mandar no outro como se fosse sua propriedade. Kierkegaard usa o termo posse para definir que se “tem” de verdade o sentimento do outro.

O esteta abandona seu “eu” para conquistar. Pode-se entender que a conquista não possui ainda a consciência, é o querer ter. Mas depois que se tem, é porque já se superou este estágio ainda não reflexivo. Quando já se tem a conquista, houve o primeiro momento da entrega, mas a entrega verdadeira acontece na posse. E a posse é mais difícil que a conquista pois possuir requer paciência e trabalho. A conquista pode ser imediata, a posse não.

Kierkegaard relaciona o natural com a conquista e a posse com a história, sendo o caminho da história mais difícil e maior, ao contrário do caminho da natureza. Deste modo, a conquista é algo natural, mas que, como mostrado no *Diário de um Sedutor*, requer certo trabalho. Contudo este trabalho não é o mesmo que o da posse, baseado na reflexão e na verdade sobre si mesmo, neste caso “ter” depende do tempo.

⁸¹ KIERKEGAARD, S. 1994, p.121.

Desta forma, é a esfera religiosa que vai permitir que o amor atinja seu estado mais superior, mais sublime onde acontece a posse e a entrega de si mesmo, plenamente.

No amor, as três esferas se complementam. A estética participa com o erótico, que faz parte do matrimônio com a escolha livre. A ética entra com a responsabilidade e reflexão que deve fazer parte do casamento; e a religiosa traz o lado divino permitindo ao amor um estado superior quando o casal vai, em profunda interioridade, encontrar-se verdadeiramente.

Separadamente, na fase estética, o sedutor procura o prazer que provoca o amor, embora este amor não se satisfaça com a posse, mas com a posse da mente e liberdade alheias. O sedutor é um ator que representa seu papel para conquistar. Ele apenas representa, o que o impede de estar consigo mesmo, nunca aprofundando as relações amorosas, e dispensando as regras da moral sem chegar à vida religiosa. A dimensão estética é desta forma exterior, podendo-se dizer: superficial. E a vida do sedutor não suporta a solidão e prepara-se para novas conquistas. Ele ignora as questões existenciais, usando a inteligência somente para buscar o prazer. Enquanto o homem usa máscaras, não percebe o desespero e até se imagina um outro para poder fugir de si. E seu desespero sempre se refere ao fato de ser limitado e não poder se libertar de si. Não estando consigo ainda, não pode estar realmente com outra pessoa. Este é, então, o estágio da paixão, em que se escolhe livremente, sem reflexão e se conquista.

O estágio ético é o decidir ficar com a pessoa por quem se apaixonou no estético. E é então o estágio em que a união torna-se social no sentido de que se assume o compromisso um com o outro.

Já a fé é como o amor, e a razão não é capaz de prová-la, explicá-la. A sua mola é a paixão, a paixão da fé. E onde há paixão, há angústia e dor. A paixão da fé é um impulso da fé, algo que faz da fé, por um lado, não escolhida. Poderíamos dizer que para entrar no modo de vida religioso é necessária a escolha, mas a fé é algo que “toma” o indivíduo, que não é escolhida no sentido de possuí-la ou não. A fé não é escolhida pela razão, ou seja, não se decide ter fé e passa-se a ter. Como bem coloca Valls: “Um homem pode fazer muitas coisas por um outro, mas dar-lhe a fé, isto ele não pode.”⁸².

A esfera religiosa é a mais verdadeira, pois é onde se tem o encontro com o infinito que vai satisfazer as necessidades do homem enquanto espírito. Da mesma

⁸² VALLS, A. 2000, p.162.

forma, o amor vai atingir seu estado mais sublime e realizar-se plenamente. Mas pode ser que pelo fato do autor mesmo dizer que a fé não pode ser explicada pela razão, que ele não explique claramente como se dá esta evolução do amor neste estágio. Talvez se possa entender que nele o amor se ligue ao espiritual, afastando-se das coisas mundanas e, por isso, tornando-se superior.

A maturidade consiste em ver o outro no “eu”, presente no modo de vida religioso. A maturidade permite ver no outro o eu e por isso não há egoísmo, não havendo separação entre outro e eu, ambos passam a ser uma coisa só porque unidos pelo sentimento.

Pode-se afirmar, de forma simples para exemplificar que, um casal tem um encontro que faz parte do “destino”, ou seja, de certa forma são especiais um para o outro para que este encontro se distinga dos demais de suas vidas, mas também possuem o livre arbítrio para fazer deste encontro algo que perdure pela vida. Para Kierkegaard, num primeiro momento, o estético, o casal se atrai e se apaixona. Este sentimento é muito frágil, porque ligado a coisas superficiais e perecíveis (beleza, simpatia, atração sexual e assim por diante). Num segundo nível, o ético, decidem racionalmente ter uma relação, construir um relacionamento baseado em respeito, lealdade, honestidade, companheirismo e o sentimento primeiro já evolui para algo mais profundo. Porém, somente no “estágio” religioso de uma relação, pode-se contemplar o outro pelo que realmente é, um espírito imortal, imperecível. Neste “estágio”, todo o resto serve apenas de instrumento para materializar o amor no plano físico em que se vive, mas o amor já é ligado à alma. E se o amor é ligado a algo eterno, também é eterno. Resolvemos assim a questão de porque se ama apenas uma vez na vida; pois uma vez que se ame, sendo o amor ligado à alma, imperecível, não pode ser destruído.

Deste modo, pelo que podemos chamar de “destino”, primeiro encontra-se a pessoa; por escolha fica-se com ela e então, sendo verdadeiro consigo mesmo e com o outro, investe-se na relação para que esta supere os obstáculos da vida, chegando assim a um amor verdadeiro, que não acaba porque está ligado à alma.

III. A RELAÇÃO ENTRE OS MODOS DE VIDA

Segundo Kierkegaard, o singular escolhe entre estas três possibilidades explicadas aqui, e registra as outras. E estes estágios são atitudes, modificadas por sentimentos. Tentaremos então relacionar os três modos de vida a fim de esclarecer se estes se sobrepõem ou se são vividos de forma sucessiva e faremos algumas outras considerações sobre a relação entre os mesmos que sejam ainda relevantes.

Encontramos algumas opiniões como a de Nogare⁸³, de que os modos de vida são estados pelos quais os homens não passam necessariamente e sucessivamente, mas opções que cada um faz em sua vida. Segundo esse comentador, dependendo da formação, educação, constituição e livre escolha, o sujeito se encontra em um dos três estados estudados aqui. O motivo de Kierkegaard defender o modo religioso como o melhor, ainda segundo Nogare, é de salvar o indivíduo, pois o estético produz anarquia e instabilidade (gerando desespero) e o ético garante constância e conformidade (gerando tranqüilidade e respeito), mas por se instalar no geral (no social), não resguarda a vocação pessoal de cada um.

Na visão de outro comentador, Giles⁸⁴, os modos de vida não são sucessivos e nem se excluem mutuamente, porque quando se passa de um para outro, mantém-se o que foi superado.

Em *O Desespero Humano*, o autor afirma que a liberdade, que gera no homem a angústia, pode levá-lo de várias formas ao desespero. Sendo cada decisão um risco, a pessoa vive na incerteza, pressionada por uma decisão que se torna angustiante. E existem duas formas de fugir dessa angústia e desespero, a saber, a fuga no modo estético, onde o homem se entrega aos prazeres e fica na inconsciência de quem ele é; e a segunda no modo ético, onde, como um autômato, se apega a um papel social ignorando o próprio eu. O caminho para a verdade é a interioridade, que é o aprofundamento da subjetividade. E é no estágio religioso que acontece a interioridade.

Desta forma, o desespero está na dificuldade de relacionar-se consigo mesmo enquanto “eu” aberto a possibilidades, e a relação com Deus não é necessária, mas também possível, é uma escolha. O desespero está sempre presente no homem, porém

⁸³ Referimo-nos aqui a: NOGARE, P.D. **Humanismos e Anti-humanismos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

⁸⁴ Referimo-nos a GILES, T.R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EDUSP, 1975.

Kierkegaard considera que o pior desesperado é o que não tem consciência de seu desespero.

A postura de Kierkegaard, como qualquer existencialista, é a de valorizar a experiência individual, as escolhas de cada um, e quando ele escreve que o modo de vida religioso, a solidão, é melhor, fala de sua própria experiência, de quem renunciou à vida estética de sedutor e à ética de marido. Rejeitou a noiva, preferindo a solidão e considera-se feliz sendo um homem só. Que fique claro, é uma escolha dele. E podemos questionar se seria algo passível de generalização. Deste modo, talvez o estágio religioso que Kierkegaard explica pode ser ilusão maior do que ele supõe. Depois que se conhece a realidade, não há como fugir dela. Mas, se é possível escolher a ilusão e ter uma falsa felicidade, talvez isso seja melhor do que viver sozinho com um ser que não responde aos nossos apelos e em relação ao qual só se pode ter fé.

1. SOBREPOSIÇÃO DOS MODOS DE VIDA

Considerando tudo o que já foi exposto, a relação entre os modos de vida pode ser de sucessão e de sobreposição. É perfeitamente possível e talvez o mais comum, a passagem do estético para o ético e deste para o religioso. Porém, do estético para o ético pode ser uma transição gradativa e portanto, possível uma sobreposição em que os dois se confundem. Mas do ético para o religioso há uma ruptura, o salto da fé, e portanto é impossível uma sobreposição entre esses estágios. Não acontece uma passagem gradativa em que os dois modos de vida ficam “misturados”, mas sim um abandono da racionalidade ética, do compromisso com o outro e por isso, escolha definitiva de não mais participar do ético que permite a aceitação social. O modo de vida religioso é o domínio da ininteligibilidade, pois se decidirmos afirmar que possui uma racionalidade, esta é bastante própria e nem mesmo partilhada pelos que neste modo vivem. Cada ser em modo de vida religioso está só com Deus, consigo mesmo e sua fé, mas sua ligação com o absoluto não é ainda completa por ainda estar vivo, ora, a ligação completa somente existe após a morte em que a alma existe por si.

O modo de vida ético pode por assim dizer, absorver o modo estético, adaptando as características deste e transformando-as eticamente, visto que: “Na verdade, o matrimônio não está naturalmente desprovido do elemento religioso, porém, comporta por sua vez o elemento erótico”⁸⁵. E nesta absorção, o ético faz o estético ser histórico, trazendo a continuidade não presente no estético que é momentâneo. Nas palavras de Kierkegaard: “toda a beleza do erotismo pagão conserva seu valor no cristianismo, na medida em que é compatível com o matrimônio”⁸⁶, e ainda: “[...] A aparição do religioso não pode aniquilar a paixão”⁸⁷.

Já o modo religioso, precisamos questionar até que ponto pode absorver o ético, podendo assim haver coexistência entre os dois. Acreditamos que a modificação do religioso com relação ao ético seja tamanha que nem mesmo possa chamar-se ética, pois ainda que o indivíduo obedeça a regras morais, estas são individuais e não contemplam a necessidade do outro. E o que é a ética senão a esfera em que o outro é considerado e respeitado? O exemplo de Abraão é perfeito para pensar sobre isso. Na sua fé, considerou o outro? Não só desconsiderou o outro, como jamais poderia explicar sua

⁸⁵ KIERKEGAARD, S. 1994, p.43.

⁸⁶ Idem, p.13.

⁸⁷ Ibidem, p.58.

atitude para ele. Sua ação é tão própria que não pode ser compartilhada e abandona-o na sua solidão. A solidão é característica essencial no modo de vida religioso, a profunda interioridade e o salto da fé, presentes neste modo de vida, impossibilitam uma relação ética com os outros. O salto da fé é um ato de solidão que o precede e também o sucede. É necessária profunda solidão para dar o salto e após este se deve permanecer nela, pois a volta é impossível. Álvaro Valls afirma que:

[...] às vezes a ética e a religião são aliadas naturais por suporem ambas a categoria fundamental da “escolha” [...] por outro lado há situações em que certas éticas se isolam e se opõem a uma surpreendente aliança entre o estético e o religioso. Um ladrão que rouba o céu uma hora antes de morrer na cruz ou uma pecadora pública que é perdoada são exemplos da proximidade do estético com o religioso, sem a mediação da ética, a qual, porém, normalmente seria aquela instância, ou deveria sê-lo, que dá ao amor uma história, dá às paixões uma institucionalização, busca racionalidade para o sentimento, procurando sintetizar numa dimensão superior a estética com a ética.⁸⁸

O referido comentador de Kierkegaard aqui faz uma relação entre os modos de vida, considerando que haja uma forma de aliar ética e religião, por serem baseadas em escolha. E por outro lado, aliar estético e religioso muitas vezes impede que haja uma participação da ética que pressupõe uma continuidade, uma história, uma racionalidade. Os exemplos da pecadora pública e do ladrão crucificado, mostram claramente a união entre estético e religioso sem a participação da ética e mais, necessitando para tanto excluí-la.

Ética e religião podem ser aliadas por dependerem de escolha, um exemplo disso é o sentimento de amor. Quando um relacionamento evolui do estágio estético, onde o sentimento é superficial, para o ético, necessita de escolha. Decide-se fazer do sentimento algo inserido no contexto social e portanto conduzido por normas morais. Também por escolha, do ético passa-se ao religioso onde o sentimento pode aprofundar-se por haver uma ligação com o eu infinito do outro e de si mesmo. Neste sentido, poderíamos afirmar que exista um relacionamento ético/religioso, visto que as duas esferas são complementares, onde uma garante a condução do sentimento na vida prática e a outra, o alcance de um sentimento verdadeiro ligado à alma e, portanto, pertencente ao mundo “espiritual”.

⁸⁸ VALLS, A. 2004, p.17.

Também é necessário lembrar que em um relacionamento, por existir duas pessoas e a ética ser a esfera em que se contempla o outro, é necessário que o modo ético esteja presente. Deste modo, presente o modo religioso no casamento, este deve preservar o ético para que, ainda que religiosamente, o casal se relacione entre si, de outro modo tal feito não seria possível e haveria duas pessoas juntas mas que vivem em profunda solidão numa interioridade incomunicável.

Uma relação ético/religiosa, possui elementos de uma esfera e de outra, por exemplo, o compromisso com o outro, a escolha de se unir àquela pessoa, a presença de regras éticas dentro do relacionamento a fim de que se respeitem os direitos do outro, fazem parte do modo de vida ético. O caráter religioso da união traz a ligação do casal com o divino que permite aprofundar o sentimento, eternizá-lo. A consciência religiosa do casal, que permite a realização espiritual, constitui a segurança do relacionamento não acabar nunca. Pois, se o eu só pode conhecer a si mesmo e se realizar, remediando sua angústia na fé, para que o amor seja eterno e o casamento não acabe, os dois devem viver em modo religioso a fim de que seu amor esteja ligado à alma (sendo religioso) e não seja um compromisso temporário. Deste modo, pode haver amores vividos no modo de vida ético, mas eles só têm garantia de ser eternos se atingirem também a esfera religiosa. E neste caso, no casal, não se deve abandonar o ético quando se atinge o religioso, pois como já explicado, continuam sendo duas pessoas se relacionando e que precisam portanto, se respeitar.

Há que se considerar que a ética presente em um relacionamento é própria, ou seja, o casal é quem define as regras de convivência de acordo com os aspectos individuais de cada um e os demais aspectos de sua relação. Pois existe uma terceira pessoa que se forma que é o relacionamento. São indivíduos mas também uma só pessoa em seu relacionamento. De outro modo, algumas éticas se isolam e opõem-se a sua união com o modo de vida estético ou com o religioso. Quando um sistema ético é muito rigoroso, de normas bem definidas e podemos dizer, intransigentes, não é possível adaptá-lo ao modo de viver guiado pelos desejos da esfera estética. Por exemplo, dentro de um casamento não é possível que os desejos estéticos tenham o comando, pois como o esposo conciliará seu papel ético de bom marido com as conquistas estéticas que deseja fazer (no âmbito amoroso)?

Outros aspectos do modo de vida estético como a paixão, podem ser adaptados ao modo de vida ético. Pode-se manter a paixão no relacionamento ético e pode-se viver

de forma estética em outros aspectos, por exemplo, no que diz respeito ao lazer, os desejos com relação a outros aspectos da vida que não a relação íntima. Da mesma forma, a ética não permite muitos atos religiosos como o próprio exemplo de Abraão. A esfera religiosa não admite certas regras, pois não precisa delas bem como não as aceita. Se este é o domínio da total entrega à vida espiritual, as regras da vida “mundana” podem não servir e até mesmo atrapalhar a união do eu com o divino. Na esfera religiosa há uma entrega, o salto da fé, que exclui todas as normas, pois o eu precisa estar livre para haver a entrega.

2. LIBERDADE E ESCOLHA

Podemos aqui aproveitar para discutir a liberdade presente no modo de vida religioso. Para haver o encontro do eu com o divino, é necessário haver uma entrega e para haver entrega, o eu precisa ser livre, libertar-se de tudo o que faz com que não seja o que ele é mesmo, de tudo que o obriga a determinadas atitudes. Ceder a desejos incontrolláveis é estar preso, bem como manter-se sempre comandado por normas de conduta moral. O eu precisa da liberdade de ser ele mesmo, de se assumir enquanto indivíduo para entregar-se ao infinito. É uma “via de mão dupla” pois o encontro com o divino liberta o eu e a liberdade do eu leva-o a encontrar-se com o divino.

Vimos que o exemplo da pecadora pública perdoada, história bíblica, é onde percebemos uma proximidade entre os modos de vida estético e religioso sem a mediação do ético. A pecadora vive na esfera estética, entregando-se a seus desejos e vivendo sem ética. Mas “entra” para a esfera religiosa quando é perdoada e aceita no nível religioso, onde tal vida é considerada pecado, porém é o lugar onde também podemos ser perdoados, uma vez que o perdão é característica religiosa.

Os modos de vida ético e religioso possuem também em comum a escolha da qual depende a entrada em ambos. Como dependem de escolha, pode-se escolher por ambos ao mesmo tempo. A decisão é comum aos dois e portanto, o que define estar em um ou nos dois também é ela. Ou seja, podemos pensar se podemos escolher viver em modo de vida ético ou religioso, podemos também decidir pelos dois ao mesmo tempo.

De outra forma, quando aliamos o modo de vida estético ao religioso, podemos em alguns casos excluir o modo ético que comporta a continuidade, a história, a racionalidade. A pecadora pública é o exemplo de que pode haver união entre estético e religioso sem a participação da ética. A ética neste caso, não só não é necessária para que os dois modos de vida coexistam, como necessita ser excluída.

O modo de ser da subjetividade é o da liberdade. O ser humano é um ser livre para escolher o que será, o que fará de sua vida. Ninguém pode colocar-se no lugar de ninguém. A existência humana é possibilidade e a possibilidade traz angústia.

Entre um modo de vida e outro, há um momento de decisão, de escolher dar um salto para o próximo “estágio”. A passagem de um modo de vida para o outro é uma transformação, um renascimento, que é uma espécie de morte que permite nascer em novo nível. Para deixar um modo de vida e entrar em outro, algo de si deve morrer.

Algo de si é necessário que se leve, porque não pode morrer completamente. Mas a passagem é sempre marcada por sofrimento e angústia porque além de deixar muito de si para trás, sair de um para o outro traz o novo, o desconhecido. Neste sentido, a acomodação no modo de vida já conhecido é mais fácil do que enfrentar o desconhecido, um modo de vida com novos padrões e características. A escolha pela mudança de um modo de vida para outro é uma escolha que implica inúmeros fatores. Muita coisa na vida do indivíduo é modificada.

Como o modo de vida ético implica complexidades que não existem no estético, um controle de impulsos e dos desejos, a escolha por ele também envolve determinação e coragem. Não é simplesmente dizer “vou ser bom marido”, é modificar uma série de comportamentos, vícios, hábitos, pensamentos. Os desejos precisam ser controlados mas talvez mais do que isso, é preciso não mais ter os desejos que se tinha no “estágio” estético. O modo de vida ético requer, portanto, um auto-controle da consciência. Não pede apenas o agir bem, mas um querer agir bem.

Obviamente, podem existir indivíduos que não abandonem completamente o modo estético pelo ético e se fixem numa posição intermediária entre os dois. Ou vivam lá e cá, em um e em outro alternadamente, ou nos dois ao mesmo tempo, o que significa em nenhum, porque viver nos dois ao mesmo tempo implica não conseguir viver em nenhum. Pois como se pode ser um conquistador e ao mesmo tempo bom marido? Se trair sua esposa sendo um conquistador, não estará vivendo no modo de vida ético, mas apenas no estético pois não será de forma alguma um bom marido.

O homem ético também engana a si mesmo, também vive um personagem, o do homem correto de acordo com os padrões morais. Do ponto de vista existencial, de um eu que precisa se realizar, sua vida é um engano e uma fuga de si mesmo. Mas ele assume o papel do homem correto que não inclui a traição daquela que escolheu para estar ao seu lado. O personagem que representa inclui fidelidade, lealdade e honestidade. Deste modo, o indivíduo pode migrar de um modo de vida para outro em um aspecto da sua vida, mas não estar nos dois ao mesmo tempo. O que pode acontecer é estar no modo de vida ético profissionalmente e em suas relações pessoais ser um esteta, por exemplo.

Com relação aos modos de vida, não existe uma predestinação. O modo de vida faz-se, não se nasce nele. E existem dois aspectos a se considerar, que são os modos de vida como resultados e como processos. Enquanto processos, como se realizam no

tempo, podem se sobrepor e pode haver uma transição de um para o outro com o indivíduo vivendo em um e depois em outro, podendo voltar ao anterior e assim “trocar” de modo de vida, indefinidamente. Mas os modos de vida como resultados são irreconciliáveis. Suas características são bem definidas, não podendo ser confundidas nem restando qualquer dúvida sobre qual modo de vida se trata.

CONCLUSÃO

Sendo a relação matrimonial um modo de vida religioso que reconstruiu os modos de vida ético e estético, incorporando-os, mas antes fazendo com que estes “evolam”, transformando-os em modos compatíveis com a superioridade religiosa, em que ordem se dá isto? Devemos entender que primeiramente o indivíduo, em profunda interioridade, vive o modo religioso e ao casar-se assume o estético e o ético, ao incluir o sensível e o amor ao outro em sua vida? Ou dá-se uma evolução do indivíduo, que passa pelos modos de vida, do mais superficial ao mais superior, mantendo características de cada um, ou seja, relaciona-se em modo estético, passando depois ao ético, onde ama mais ao outro do que a si mesmo ao se desindividualizar e assumir compromissos com o outro que talvez se oponham aos seus desejos individuais e, finalmente, passando ao modo mais superior de relação que seria o religioso?

A partir do que Kierkegaard apresenta em *O Matrimônio*, percebemos uma idéia de sucessão dos três modos de vida no relacionamento amoroso, mantendo elementos dos modos de vida abandonados. O relacionamento em si, passa pelos três modos de vida, ficando no modo religioso quando em seu estágio máximo de evolução. O autor trata da relação entre eles no referido livro, usando o exemplo do amor, e neste, é assim que acontece segundo seu pensamento: uma sucessão e certa sobreposição quando se sai de um para o outro e quando se preserva elementos do anterior no próximo. Mas isto acontece no relacionamento amoroso.

Do ponto de vista de um homem religioso, Kierkegaard entende só ser possível amar de verdade ou ter uma realização plena do eu e atingir a felicidade, em um nível religioso. Mas no que se refere à vida de um modo geral, o autor trata da existência nos modos de vida separadamente, sem contudo compará-los ou relacioná-los. Obviamente, por suas considerações a respeito dos modos de vida, é visível a defesa do religioso não somente na vivência do amor, mas também no viver só.

Fazendo uma crítica ao autor, podemos defender que existam relacionamentos felizes sem a presença da consciência religiosa. Considerar se eles serão eternos e indissolúveis, isto não podemos fazer nem com os religiosos e se isto acontece, como identificar a disposição interna que faz com que sejam permanentes? Não existe nenhuma forma de responder a esta questão, pois o que se passa no interior de cada um é apenas de seu conhecimento e dependemos de uma total honestidade para ter acesso à

sua verdade.

Como se dá a relação quando somente um dos indivíduos atingiu o modo religioso? Seria este um matrimônio perfeito como o demonstrado por Kierkegaard? É importante lembrar que mesmo duas pessoas em modo religioso estão sozinhas, por exemplo no caso de Abraão que não poderia dividir com Sara sua fé e ainda que Sara tivesse tanta fé quanto ele, fé é um domínio de tal solidão que é impossível uma vivência em conjunto. Pois sendo inexplicável e fora de qualquer padrão lógico que possa ser defendido, não temos garantia de possuir a mesma fé que outrem. Mesmo os partidários de religiões mais fervorosas, possuem em seu íntimo uma maneira muito própria de viver sua fé. Abraão era um homem de fé e no entanto sua esposa ou outra pessoa não poderia compreendê-lo e por isso seu silêncio. Se houvesse uma forma de compartilhar sua fé, o teria feito e não vivido o que viveu de forma angustiante e solitária.

Aqui nos cabe uma nova questão, se é possível viver o modo de vida religioso autêntico e perfeito dentro do casamento. São exemplos disso a solidão de Abraão, o silêncio com sua própria esposa e a decisão de Kierkegaard de não se casar? Mas se assim fosse, porque o autor teria escrito *O Matrimônio*? Devemos considerar ainda que a unidade do casal e o alcance do máximo nível de seu sentimento, parecem depender de uma total ligação entre os dois onde não cabem segredos. Ele mesmo afirma que quem tem segredos não pode viver com outra pessoa e que o amor verdadeiro surge quando o mistério se dissipa. Desta forma, Abraão transforma-se no homem de fé que parece não poder ter com sua mulher o amor verdadeiro. Ele é um homem só, mesmo casado? Uma vez que o próprio autor não se posiciona a respeito, torna-se difícil arriscar uma solução para tal impasse. Podemos apenas lembrar que no ético não se tem segredos com o outro e no religioso existem momentos de solidão. Mas o próprio amor possui a dimensão da solidão quando por exemplo, o indivíduo precisa solucionar o ciúme. É algo que só pode fazer sozinho, ainda que exponha sua angústia ao outro e até mesmo peça algum tipo de ajuda. Deste modo, se Kierkegaard defende que o amor só pode ser completamente verdadeiro no modo religioso, parece-nos claro que é compatível a vivência religiosa em casal, a vivência religiosa do amor. Como já dissemos, no matrimônio é preservada a individualidade sendo portanto necessário apenas separar o que se refere à relação em si.

De um ponto de vista existencialista, cada indivíduo possui verdades suas. O

desespero faz parte do ser humano, mas poderíamos dizer que a forma como é vivido é individual. E por isso, podemos questionar até que ponto todos precisam ter uma consciência plena de si como remédio para seu desespero. Talvez o desespero humano seja percebido de forma muito individual, a ponto de o seu remédio não poder ser generalizado. Pois não seria possível que a ilusão daquele que vive esteticamente ou eticamente seja tamanha que sequer perceba-se desesperado? Como garantir que a ilusão não possa ser vivida em *total* cegueira a ponto de até mesmo se encontrar felicidade nela? Inclusive o próprio Kierkegaard identifica um tipo de desespero assim. Não podem existir pessoas que vivam de forma tão superficial que sequer percebam a mentira em que vivem e que nelas existe uma alma carente de realização no seu caráter infinito? Parece provável que sim e portanto, podem existir escolhas felizes pelo modo de vida ético e pelo estético. Mas lembrando, falsamente felizes para Kierkegaard.

O que diríamos dos ateus que nem mesmo consideram a possibilidade de algo espiritual, além do corpo? Eles são exceções à regra de Kierkegaard. Obviamente, o autor considera este o pior dos desesperados: o que nem percebe a infinitude presente na sua finitude: “Pois o perecível é sempre, em suma, o suporte do imperecível, e o espiritual do material”⁸⁹. Mas quem percebe o desespero de tal indivíduo não é ele mesmo, pois sua condição o impossibilita de perceber qualquer coisa. Então, questionamos, não pode a ignorância também ser um remédio para o desespero?

Aquele que se percebe desesperado, precisará interiorizar-se e procurar atingir o modo de vida religioso para remediar sua alma. Aquele que ignora sua própria ignorância, talvez nem sinta desespero na vida em que está. Kierkegaard apresenta um estudo válido e coerente no que diz respeito à condição humana. Talvez o que deixe em aberto e seja visto como fragilidade em sua teoria, tenha como objetivo não contrapor-se a postura primordial existencialista de respeitar a decisão de cada um quanto à sua vida e de tratar os indivíduos como únicos.

No existencialismo pode-se fazer uma generalização da conduta humana, porque sendo um sistema filosófico, como tal, possui de certa forma um posicionamento, ainda que a máxima existencialista seja que a “verdade é para mim”. A teoria de Kierkegaard constitui um bom modelo de conduta humana e apresenta um exercício de compreensão da existência e da felicidade que deve ser procurada pelos indivíduos de um modo geral. Enquanto existencialista que defende o princípio de que “a verdade é para mim”, não

⁸⁹ KIERKEGAARD, S. 1994, p.20.

pode pretender apresentar uma doutrina, isso não faria sentido. Por outro lado, como toda teoria filosófica que defende uma idéia, e sendo teoria existencialista que trata de angústia, a filosofia de Kierkegaard pode parecer doutrina e até mesmo se colocar como tal, ainda que seu autor não tivesse essa pretensão.

Contrapondo-nos a Kierkegaard, poderíamos considerar que existe sim uma religiosidade inerente ao ser humano, observada na fé em alguma coisa. Um cientista, por exemplo, necessita ter fé no resultado de seu experimento. Todos nós acreditamos em algo, pois se assim não fosse, não poderíamos realizar nada novo e apenas repetir o já conhecido. Ninguém possui apenas verdades comprovadas e tidas como “certeza”, até porque não existe “certeza”. E portanto, temos todos fé, não importa com relação ao quê.

Parece também razoável que, por vivermos todos em vários ambientes e tipos de relações ao mesmo tempo, por exemplo, amorosa, profissional, familiar, de amizade e assim por diante, vivemos todos nos três modos de vida ao mesmo tempo. O religioso, pelo que já explicitamos acima, é a fé em algo. Vivemos no estético, pois sempre temos paixão por algo, a paixão, o encantamento e a ligação não espiritual com alguma coisa ou pessoa (pode-se viver de forma estética na profissão, por exemplo). E o ético faz parte de nossa vida essencialmente para que vivamos em sociedade. E mesmo os que desrespeitam a ética, como alguns criminosos, em algum âmbito de suas vidas vivem de forma ética, seja com relação a seus filhos ou pais ou em outro aspecto qualquer.

O autor afirma que o modo de vida religioso é onde se pode ser verdadeiro e ter uma existência plena e feliz. Mas além das considerações que já fizemos sobre a felicidade, considerando que se possa ser feliz também em outro modo de vida que não o religioso, podemos tratar da importância dos modos de vida e da verdade das vivências presentes em cada um deles.

No modo de vida religioso, mesmo que consideremos garantir a realização plena do eu, teríamos que ter como certa a existência do espírito, o que não podemos ter, pois não dispomos de provas científicas do ser humano não ser apenas um corpo que não possui nada além, nada espiritual.

O domínio religioso é o domínio do absurdo, da relação com alguém (Deus) que não participa de nossa realidade sensível e que portanto não temos segurança de sua existência. Não podemos considerar o homem religioso como plenamente feliz, pois se ele não está seguro como estará feliz? A fé é acompanhada de dúvida e de revolta. Um

exemplo disso é o que podemos observar em pessoas muito religiosas em momentos em que precisam e contam muito com uma ajuda divina, por exemplo, quando um familiar está em risco de morte e pede-se a Deus que o salve. Quantas pessoas revoltam-se e negam a existência de Deus, se ele não atende a seu pedido? E até mesmo voltam a ter fé depois. Desta maneira, não é o modo religioso a forma estável de viver, também estando sujeito a altos e baixos, a momentos de fé e de revolta, pois é um modo de vida inseguro. E além disso, consideramos complicado defender o modo religioso, pois este é um modo de vida para poucos. Isto não o impossibilita de ser o modo de vida onde se encontra a felicidade plena, pois o próprio autor não determina a segurança como fator determinante da felicidade. Como ele mesmo diz, a angústia pode apenas ser remediada pela fé e não curada definitivamente.

Outra questão que pretendemos discutir é a da responsabilidade. O homem religioso pode se desresponsabilizar por seus atos e isto é um risco para a sociedade. A crença de que Deus controla tudo e decide tudo ou quase tudo é muito confortável e perigosa. Ainda que consideremos que existe o livre arbítrio, um homem de fé não pode escolher quando assumir a responsabilidade e quando ser expectador dos desígnios divinos? Quantas vezes percebemos coisas absurdas causadas por pessoas de fé que se eximem da culpa, defendendo a idéia de que foi Deus que escolheu tal situação e não elas?

E o fanatismo? O modo de vida religioso possui mais este risco, pois sendo a vida tão absurda e o ser humano, em decorrência disso, um angustiado, o limite entre fé e fanatismo não é muito claro e existe um risco permanente do indivíduo “perder-se” na sua fé e tornar-se um completo irresponsável por sua vida, delegando a Deus tudo o que lhe acontece e aos outros por seu intermédio. Isto é o que chamamos de fanatismo, então, quando se restringe a vida a acontecimentos comandados por Deus.

O modo estético é muito individualista e diz respeito à satisfação de desejos pessoais e impulsos, não podendo portanto, ser defendido como melhor modo de vida, já que até mesmo bichos vivem da mesma forma (se considerarmos grosseiramente).

Recorrer ao modo de vida ético não resolveria a questão, uma vez que também justificaria por exemplo, atos como jogar em fogueira os infiéis. Vários absurdos podem ser cometidos em nome de regras éticas. A ética depende da sociedade e época em que se vive, da cultura, da educação, sendo uma construção insegura porque baseada em fatores variáveis.

Ao pretendermos definir um modo de vida como o mais perfeito, a melhor opção seria o modo de vida religioso, por todos os motivos já explicitados neste trabalho. Podemos fazer considerações sobre a insegurança presente neste modo, sobre o isolamento dos demais, e talvez o sofrimento que essa decisão implique; mas, levando em conta que somente neste âmbito o homem é livre de personagens para agradar aos outros, é então nele que ele encontrará conforto e felicidade autênticos.

Bibliografia

- CHÂTELET, F. **História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- COLLINS, J. **El Pensamiento de Kierkegaard**. Mexico: Brevarios, 1958.
- ETCHEVERRY, S. J. **O Conflito Atual dos Humanismos**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1975.
- GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EDUSP, 1975.
- KIERKEGAARD, S. **O Matrimônio**. São Paulo: Editorial Psy II, 1994.
- _____. **Temor e Tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996a.
- _____. **O Desespero Humano**. São Paulo: Martin Claret, 2002a.
- _____. **Diário de um Sedutor**. São Paulo: Martin Claret, 2002b.
- _____. **O Banquete**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996b.
- _____. **Estudios Estéticos**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.
- _____. **O Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escritos**. Lisboa: Edições 70, 2002c.
- _____. **É Preciso Duvidar de Tudo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **O Conceito de Angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.
- _____. **Vida e Obra**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LE BLANC, C. **Kierkegaard**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003.
- MESNARD, P. **Kierkegaard**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- NOGARE, P. D. **Humanismos e Anti-Humanismos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- RUSSELL, B. **História da Filosofia Ocidental**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- SARTRE, J. **O Existencialismo é um Humanismo**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SEVERINO, E. **O Saber da Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1986, vol. 18.
- VALLS, A. **Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado**. Porto Alegre: Escritos, 2004.
- _____. **Entre Sócrates e Cristo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TEXTOS

LUPI, J. P. B. **Kierkegaard frente ao neoplatonismo**. Não publicado.

____. **Kierkegaard no seu tempo-annotações e esquema**. Não publicado.

____. **Os modos de intuição**. Não publicado.